



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Ricardo Correia de Lima

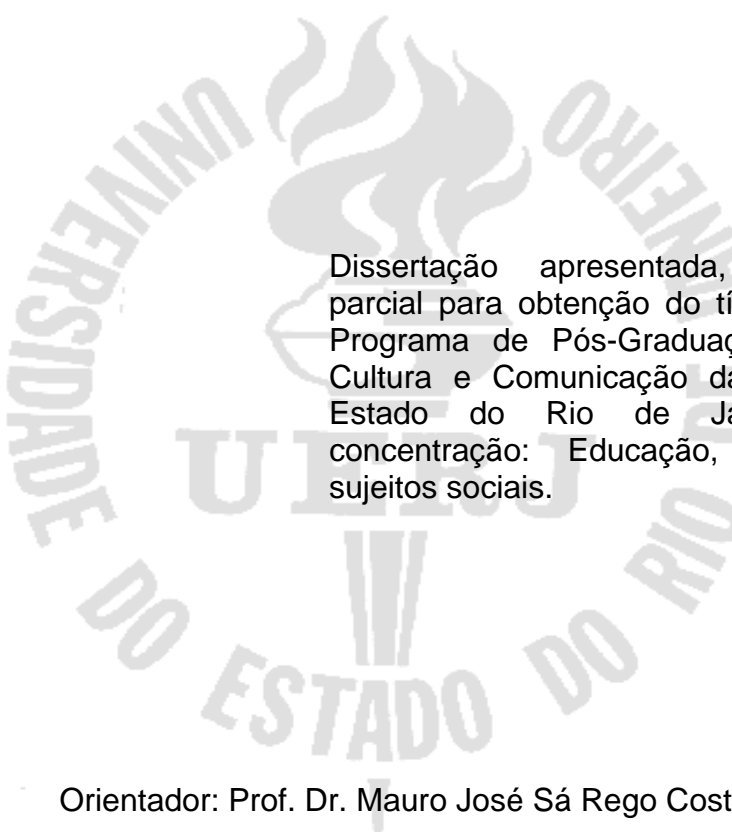
**A educação como campo de batalha e local de seleção**

Duque de Caxias

2009

Ricardo Correia de Lima

**A educação como campo de batalha e local de seleção**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação Cultura e Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, escola e seus sujeitos sociais.

Orientador: Prof. Dr. Mauro José Sá Rego Costa

Duque de Caxias

2009

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHC

L732

Lima, Ricardo Correia de

A educação como campo de batalha e local de seleção / Ricardo  
Correia de Lima, 2009  
92 f.

Orientador: Mauro José Sá Rego Costa

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense.

1. Educação – Finalidades e objetivos – Teses. 2. Educação -  
Aspectos sociais - Teses. I. Costa, Mauro José Sá Rego. II. Universidade  
do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação da Baixada  
Fluminense. III. Título.

CDU 37.017

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Ricardo Correia de Lima

### **A educação como campo de batalha e local de seleção**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação Cultura e Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Educação, escola e seus sujeitos sociais.

Aprovada em: 30 de outubro de 2009.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Mauro José Sá Rego Costa (Orientador)  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - UERJ

---

Prof. Dr. Mauricio de Albuquerque Rocha  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - UERJ

---

Prof. Dr. Henrique Antoun  
Escola de Comunicação - UFRJ

## DEDICATÓRIA

Aos meus filhos por tudo o que representam na minha vida.

À todos os amigos que fizeram parte dessa caminhada..

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Mauro José Sá Rego Costa, professor/filósofo, pela paciência e compreensão diante das minhas dúvidas e indecisões.

Aos amigos que souberam motivar-me nos momentos em que o desânimo parecia apoderar-se de mim.

Eu vos digo: é preciso ter caos dentro de si para poder dar à luz uma estrela dançante. Eu vos digo: há ainda caos dentro de vós.

Os homens mais espirituais, pressupondo-se que sejam os mais corajosos, também experimentam as mais dolorosas tragédias: mas justamente por isso eles honram a vida, por que ela lhes opõe o seu máximo de antagonismo.

*Friedrich Nietzsche.*

## RESUMO

LIMA, Ricardo Correia de. **A escola como campo de batalha e local de seleção**. 2009. 92f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2009.

Este trabalho é o resultado das reflexões relativas às leituras que venho realizando desde a minha graduação. A partir do entendimento de que a educação escolar, ao contrário de alguns de seus pressupostos, serviria especialmente à ordem social capitalista; sendo uma das maneiras mais eficientes de “domesticar” o ser humano. Não se trata de afirmar que toda educação escolar será sempre domesticadora, mas, que grande parte do seu trabalho acaba por contribuir para a diminuição da capacidade criativa do indivíduo. Entendo que a imposição da busca pela verdade e a tentativa de igualar a todos os indivíduos são julgamentos morais. Esses julgamentos representariam a interpretação da vida a partir de um ser enfraquecido, ou seja, teriam como função a preservação do decadente. Esses valores morais acabam por diminuir, também, a energia dos indivíduos que poderiam expandir-se. A escola pode ser um local onde o estudante poderá ter experiências capazes de levá-lo ao “crescimento”, ou não. Concordamos com Nietzsche, ao entender que há uma oposição entre a “vontade de moral” e a “vontade de potência”. O ser vivo quer crescer, ou preservar-se. A criação de novas formas de viver, de desejar uma vida com outra intensidade depende, dos instintos. A moral impõe ao indivíduo uma constante vigilância e coerção contra a expressão desses instintos. A energia que poderia gerar novas formas de viver, agora será utilizada contra o próprio indivíduo, atormentando-o. A escola ainda é uma fonte de experiências. Resta-nos saber como utilizá-la em seus potenciais criadores.

Palavras-chave: Educação. Indivíduo. Criação.



## ABSTRACT

This work is the result of reflections on the readings I have been doing since my undergraduate course. Departing from the understanding that school education, unlike some of its assumptions, serves especially to the capitalist social order being one of the most efficient ways to "tame" human beings. This is not to say that all school education will always be taming, but that much of its work ultimately contributes to reducing the creative capacity of individuals. I understand that imposition of the search for truth and trying to match all individuals are moral judgments. These judgments represent an interpretation of life from a weak human being, i.e., they have the function of preserving the decaying. These moral values eventually decrease, also, the energy of individuals who could expand themselves. School could be the place where students could have experiences that would take them to "growth" or not. We agree with Nietzsche, to whom there is an opposition between the "will of morality" and "will to power". Living beings search for growth or self-preservation. The creation of new ways of living, the desire for life with another intensity depends on instincts. Moral imposes constant vigilance and pressure against expression of these instincts. The energy that could generate new ways of living would be used now against individuals, tormenting them. School is still a source of experience. We should know how to use its creative potential.

Keywords: Education. Individual. Creation

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1</b>	<b>EDUCAÇÃO ESCOLAR: TRANSFORMAÇÃO PARA A LUTA, OU A FORMAÇÃO EM SÉRIE? .....</b>	<b>14</b>
1.1	Ensinar para o “combate” .....	14
1.2	Do pesado conhecimento aos pequenos desejos.....	21
<b>2</b>	<b>DO CONHECIMENTO CIVILIZADOR.....</b>	<b>34</b>
2.1	Dos livros a razão; da leitura à civilização.....	34
2.2	Da homogeneização à domesticação.....	41
2.3	Vontade sobre a má vontade.....	49
2.4	A ilusão que embeleza a vida.....	54
2.5	Do belo conhecimento.....	60
<b>3</b>	<b>DA RIGIDEZ DA IDENTIDADE A FLUIDEZ DA SUBJETIVIDADE.....</b>	<b>65</b>
3.1	A reapropriação da subjetividade.....	65
3.2	Tornar-se o que se é.....	72
3.3	Do saber que renova.....	78
<b>4</b>	<b>PARA NÃO CONCLUIR.....</b>	<b>85</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>91</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho expõe as reflexões relativas às leituras que venho realizando desde a minha graduação.

Ainda nos primeiros períodos tomei contato com os questionamentos foucaultianos sobre as relações de poder e a questão da subjetividade.

Até então, eu entendia a questão da opressão como o resultado das injustiças cometidas por uma classe dominante que utilizaria todos os meios para poder explorar as classes mais desfavorecidas, acumulando capital e alienando os mais pobres.

Entender que as “relações de poder” (Foucault) são muito mais complexas do que a simples polarização exploradores e explorados e que seus efeitos encontram-se muito mais “infiltrados” nas relações interpessoais foi meu primeiro “espanto”.

Por um lado desmistificar o poder das classes dominantes que produziria ideologias capazes de ludibriar os operários com “falsas verdades”, por outro lado, perceber que mesmo um assalariado quando investido de uma função de mando, também exerce o poder e pode também explorar outro assalariado.

Perceber que a relação entre marido-mulher pode ser tão opressora quanto a relação patrão-empregado recoloca a questão do poder em outro nível.

Daí foi um passo muito pequeno para poder chegar à conclusão de que a relação professor-aluno também é permeada por relações de poder bem mais sutis do que a maioria dos envolvidos poderiam, ou desejariam entender.

Importante aprendizado foi perceber que o poder é exercido e que ninguém o possui, a esposa, o empregado e o aluno, além de poder resistir ao exercício do poder, também acabam por exercê-lo em certas circunstâncias.

Passei, a partir dessas leituras e reflexões, a ter um olhar desconfiado sobre os chamados movimentos revolucionários.

Perguntar sempre: quais as intenções daqueles que se dizem amigos dos oprimidos e dispostos a “melhorar” as condições de injustiça social, foi o resultado da nossa desconfiança.

A escola é um local rico em discursos revolucionários, lá aprendemos que por meio da razão poderíamos melhorar o indivíduo e a sociedade.

No entanto, a capacidade da razão humana e do humanismo que a representa, sofre duras críticas ao se constatar que as maiores realizações humanas ficam obscurecidas pela também capacidade da razão humana em produzir horrores como o Holocausto e as duas bombas nucleares da Segunda Grande Guerra.

Estas foram as maiores exibições da “evolução” tecnológica humana, as quais foram utilizadas para dizimar a maior quantidade de seres humanos possível, assim, “(...) o humanismo se oferece como cúmplice natural de todos os possíveis horrores que podem ser cometidos em nome do bem humano”.<sup>1</sup>

A tentativa de construir uma sociedade onde todos os homens, ou ao menos a maior parte deles, poderiam viver em comunhão, fez parte da imaginação e do desejo humano por um longo tempo.

Seria fácil apoiar a iniciativa humana de estabelecer tal sociedade pacificada e fraternal, na medida em que convivemos com a violência e a desigualdade tanto entre os indivíduos, como também entre as nações.

É quase unanimidade o entendimento de que todas essas contendas acontecem porque o homem vive em uma sociedade injusta e que o indivíduo injustiçado sempre procurará seus “direitos”. O que acaba por ocasionar violência, guerra e por consequência, mortes.

O homem procurou estabelecer a paz social por meio do controle dos “instintos violentos” do indivíduo, sempre apelando para a crença em uma “verdade moral” que o conduziria ao comportamento ideal.

Para que o indivíduo acreditasse nesses imperativos, o homem utilizou, principalmente, as forças da religião e da razão (representada em nossos dias pela ciência).

Nosso problema encontra-se nas interrogações que Peter Sloterdijk faz sobre a legitimidade do humanismo em permanecer como o condutor do homem na sua formação, principalmente após a Segunda Guerra Mundial:

---

1 Sloterdijk, 2000, p. 31.

“O que ainda domestica o homem, se o humanismo naufragou como escola da domesticação humana? O que domestica o homem se seus esforços de autodomesticação até agora só conduziram, no fundo, à sua tomada de poder sobre todos os seres? O que domestica o homem, se em todas as experiências prévias com a educação do gênero humano permaneceu obscuro quem – ou o quê – educa os educadores, e para quê?”<sup>2</sup>

Quantas respostas temos para as perguntas acima expostas? Podemos questionar se tem valor se preocupar com tantas questões tão difíceis de responder.

No entanto, a nosso ver, essas perguntas deveriam desestabilizar todas as certezas a respeito da incondicionalidade da educação humana por meio da educação humanística e da escola, que a representa.

Segundo Sloterdijk, “O humanismo, como palavra e como assunto, sempre tem um “contra quê, uma vez que constitui o empenho para retirar o ser humano da barbárie”.<sup>3</sup>

A escola, como signatária (herdeira) do humanismo também acredita na existência de um motivo pelo qual vale a pena lutar.

É claro que existe mais de um porquê, mas, no nosso estudo, estamos preocupados com a questão da “domesticação” do indivíduo como forma de atingirmos a justiça social.

A escola não declara abertamente que seu objetivo seja criar homens dóceis. Em seu discurso a afirmação seria a de que, por meio da educação escolar, poderíamos levar o homem bárbaro à condição de bom cidadão.

Não haveria grandes problemas em se tentar atingir essa finalidade não fosse o grande mal-estar que passa todo indivíduo ao procurar submeter seus instintos à avaliação e à coerção da razão humana.

Trataremos da questão desse mal-estar, sua origem e consequências sob a ótica nietzschiana e freudiana. Um mal-estar causado pela necessidade que o indivíduo terá de exercer sobre si mesmo uma vigilância e uma coerção capazes de retirá-lo da barbárie e transformá-lo em um ser dócil e sociável.

“Tanto o amansamento da besta homem como o cultivo de determinada espécie de homem foram chamados de ‘melhora’”.<sup>4</sup>

---

2 Idem, p. 32.

3 Idem, p. 16.

Tentaremos mostrar como a escola promete a melhoria do indivíduo e por conseqüência a melhora da sociedade e que o “melhoramento” do homem pode trazer uma série de problemas.

Nietzsche nos ajuda a entender as conseqüências da tentativa de melhoramento da “besta” homem:

“Ela é enfraquecida, tornada menos nociva; mediante o depressivo afeto do medo, mediante dor, fome, feridas, ela se torna uma *besta doentia* (friso do autor)”.<sup>5</sup>

A educação é uma das formas mais eficientes de levar o indivíduo a exercer sobre si mesmo uma forte vigilância capaz de diminuir seus desejos mais “nocivos” para si e para a sociedade, no entanto, essa vigilância enfraquece e faz adoecer o indivíduo.

Tentaremos demonstrar como a “nocividade” que um indivíduo poderia causar para uma determinada ordem social acaba por voltar-se contra si mesmo e como essa tal nocividade, na verdade, poderia ser apenas um comportamento “inapropriado” para a ordem social vigente.

Entendemos o desejo como uma forma de energia, e como tal, não pode ser simplesmente extirpada ou amputada do indivíduo.

O desejo que não pode expandir-se externamente acaba por voltar-se contra o próprio indivíduo.

Acreditamos que a maioria das mudanças que ocorrem na existência de um indivíduo, assim como na sociedade, têm “origem” na necessidade que ele tem de questionar a si mesmo e a realidade na qual vive.

Essas mudanças, quando ocorrem são precedidas de uma grande insatisfação, capaz de abalar as certezas do indivíduo e tirá-lo da tranquilidade em que se encontra.

A escola não pode ensinar a um aluno como desejar e tentaremos demonstrar como essa característica pode ser positiva.

Como poderia a educação escolar levar um aluno a questionar e a mudar a sua realidade?

---

4 Nietzsche, 1998a, p. 50.

5 Idem, P. 50.

Nosso entendimento é o de que a escola serve como uma das fontes de experiências capaz de apresentar ao aluno novas perspectivas.

Essas perspectivas não têm nada a ver com a questão da “melhora” do indivíduo, quem acredita que pode melhorar alguém sabe exatamente para onde deve conduzir a formação do homem.

Nós, ao contrário, preferimos submeter o caminho à prova!

Quando falamos em força criativa, ou quando falamos do desejo como força vital que poderia ser promotora de processos criativos ou inovadores estamos pensando a respeito do que faz de cada indivíduo uma singularidade.

Ao contrário de um final, gostaríamos de renovar nosso pensamento em conjunto com Felix Guattari, que falando a respeito do desejo como força de formação coletiva afirma ser este “... todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção do mundo, outros sistemas de valores”.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Guattari, 1986, p. 215.

# 1 EDUCAÇÃO ESCOLAR: TRANSFORMAÇÃO PARA A LUTA, OU A FORMAÇÃO EM SÉRIE?

## 1.1 Ensinar para o “combate”.

“Lições e seleções têm mais a ver entre si do que qualquer historiador da cultura quis ou pôde levar em conta...”<sup>7</sup>.

Que nosso sistema social precisa de processos seletivos acreditamos não ser questionável. Somos dispostos sempre dentro de alguma função ou tarefa, dentro do nosso cotidiano, é difícil para nós pensarmos em um momento de nossas vidas onde estamos totalmente desprovidos de uma função.

Mesmo quando estamos desfrutando de nossos momentos de lazer, estamos cumprindo uma função, em dias específicos e horas específicas. Existe a hora de trabalhar, a hora de dormir e a de se divertir.

Pode ser verdade que existem aqueles que não se encaixam exatamente em todas essas “determinações”; existem, sem dúvida, aqueles que escapam a essas distribuições. Porém, mesmo esses, também se encontram qualificados (enquadrados) e dispostos em suas posições, normalmente são perseguidos, ou, o que pode ser pior, deixados de lado e tornam-se, quando necessário, invisíveis aos olhos daqueles que estão corretamente estabelecidos em seus lugares, quando muito incomodando com suas “figuras distorcidas”.

Não se trata de algo preestabelecido, os que hoje estão enquadrados nas normas, amanhã poderão não estar mais, e aqueles que não estão encaixados, poderão a qualquer momento passar a fazer parte do sistema.

Para poder estabelecer as posições de cada indivíduo, nossa sociedade recorre a processos seletivos onde todos terão que se submeter. São esses processos que estabelecem a posição de cada um.

Para o nosso estudo, a função seletiva da educação é o que nos interessa.

---

<sup>7</sup>Sloterdijk, 2000, p. 43.



Para Peter Sloterdijk, chegamos a um ponto crucial do humanismo, no qual, finalmente, podemos desvelar um dos lados obscuros da educação, o seu potencial seletivo.

É a partir da escola que parte do nosso caminho e destinos são traçados. Queiramos ou não. De uma maneira ou de outra, ou estamos incluídos nos processos educacionais, ou seja, nos submetemos a eles, ou estaremos excluídos.

Quando ainda bem jovens somos encaminhados para uma sala de aula, nossos pais estão convictos de que só assim poderemos ter um bom futuro. É, normalmente, um projeto para médio e longo prazo. Os pais sabem muito bem que ao encaminhar seus filhos para uma escola estarão colaborando para um futuro melhor para eles. Sem isso, estarão, provavelmente, fadados ao “fracasso”.

É bem verdade que hoje, após a universalização da educação escolar, mais do que em qualquer outro tempo, podemos questionar o resultado desse projeto e sua capacidade em promover a igualdade pode não ser tão garantida quanto parecia nos tempos iniciais da alfabetização. Embora também seja verdade que de início, a educação parecia a alternativa mais adequada para tentar-se acabar ou diminuir a distância entre aqueles que sabiam ler e aqueles que não sabiam.

É fato que a cultura erudita foi um dos argumentos usados para questionar-se o poder e a riqueza dos antigos nobres, que se fundamentavam basicamente em fatores hereditários. A burguesia em seus estágios iniciais encontrava, por meio da cultura adquirida através dos livros e dos avanços da tecnologia e da ciência, meios para questionar a disposição hierárquica na sociedade.<sup>8</sup>

Ser rico e poderoso por meio de sacrifícios individuais parecia mais “racional” e mais “justo” do que receber a riqueza e o poder apenas por ser filho de uma determinada pessoa, o que poderia parecer fruto do acaso. É claro que para isso precisou-se criar meios (muitos anos de disputa política) para que o discurso da providência divina caísse em descrédito.

Porém, como podemos verificar sem muita dificuldade, o que de início parecia um grande avanço na busca de resultados racionais para estabelecer um sistema social mais justo, baseado na capacidade individual, no esforço próprio, tornou-se

---

<sup>8</sup> Sobre a importância dos livros e da erudição para a auto-afirmação da classe média burguesa alemã ver Elias, 1994, vol. 1, p. 43.

uma grande armadilha (para os que creem na possibilidade de igualdade) na qual cada vez mais estabelecemos diferenças.

Uma das questões é saber se essas diferenças são justas, ou seja, se elas são apenas o resultado do esforço de cada um, ou comodismo individual.

Mas, o que não mudou daquele tempo para os dias atuais é que, sem os devidos anos de estudo, não se tem quase futuro algum.

Sabemos hoje que o fosso entre os indivíduos, criado pela cultura da escrita e da leitura atinge patamares absurdos, que para Sloterdijk, “atingem praticamente a rigidez de uma diferença de espécie”.<sup>9</sup>

Se de início a alfabetização parecia ser saída mais racional para a diminuição das desigualdades entre os indivíduos, a manutenção da ignorância seria umas das causas do surgimento das diferenças entre os homens.

A cultura da leitura, acompanhada de toda a racionalidade que dominou os meios sociais após a vitória das luzes contra a escuridão da fé e da ignorância, parecia ser o caminho a ser adotado.

Mas os resultados não resultaram no esperado. Aumentou-se, ou ao menos manteve-se, uma grande distância entre os indivíduos, ou seja, por mais que alcancemos patamares de alfabetização que se aproximem da universalidade, os indivíduos não estão em uma condição melhor de igualdade.

Podemos questionar quais seriam os benefícios de uma sociedade desprovida de diferenças. Porém, o que podemos perceber é que todos os processos utilizados até agora serviram mais precisamente como meios de promover a seleção da espécie humana.

Se por um lado procuramos maneiras de atingir a igualdade entre os homens, por outro lado, os próprios meios até agora utilizados para se tentar atingir tal objetivo têm contribuído para o aprofundamento das diferenças.

Não é difícil entender que, ao término de cada processo de formação será feito um exame que irá determinar quem poderá prosseguir, ou quem deverá retornar aos estudos para poder recuperar-se de seu mau desempenho.

---

<sup>9</sup>Idem, 44.

Para Peter Sloterdijk, esses processos seletivos estão cada vez mais se intensificando e diversificando, ultrapassando as fronteiras das salas de aula e se estabelecendo mesmo nos processos de produção biogenética.

“Quando Zaratustra atravessa a cidade na qual tudo ficou menor, ele se apercebe do resultado de uma política de criação até então próspera e indiscutível: os homens conseguiram – assim lhe parece – com a ajuda de uma hábil combinação de ética e genética, criar-se a si mesmos para serem menores”.<sup>10</sup>

Olhar para os processos educacionais de maneira desconfiada não é novidade e nem tampouco privilégio de poucos.

Mas, entender que esses processos “enfraquecem” a força vital do homem, acaba sendo até hoje, uma maneira de olhar que causa espanto, e até mesmo críticas.

Que não há, ao menos na atualidade, alternativas que poderiam solicitar o fim dos processos educacionais, parece claro e nem mesmo Sloterdijk ou Nietzsche prescreveriam tal alternativa.

O problema está, justamente, na busca da igualdade, no abrandamento dos instintos criativos que o homem possui. O sistema capitalista entende inicialmente esses instintos como um problema, mas depois acaba por aproveitá-los em seu benefício.

Alguém em sã consciência negaria que tudo o que é novo é, a seu modo, subversivo? E que nossa sociedade, baseada no fluxo de capital de conhecimento, necessita desses processos criativos.

Mas, de início, toda nova idéia é tida como um problema e fonte de ameaça, o que em si não é o problema, ter um olhar desconfiado pode ser a expressão de uma determinada “inteligência” interior.

É, talvez, na confusão de se estabelecer uma conexão entre criatividade e subversão que esbarramos no que Nietzsche chama de “criação para sermos menores”.

---

<sup>10</sup> Idem, p. 40.

Um observador um pouco mais atento perceberá que para manter a todos em um mesmo nível, será preciso rebaixar a todos, já que, talvez, elevar a todos seja uma tarefa por demais difícil.

Por isso talvez seja mais fácil quebrantar os instintos mais criativos e tentar mantê-los sob vigilância e atenção do que tentar permitir os processos de criação.

É claro que pouquíssimas pessoas envolvidas nos processos educacionais estão dispostas a discutir ou mesmo perceberam esses problemas. A redução do potencial criativo humano causado pelo processo educacional é, segundo Sloterdijk, “o grande impensado da educação”.

É preciso que percebamos o quanto de energia é preciso para manter-se a força criativa do homem sob vigilância: “Sua agressividade é introjetada, internalizada; ela é dirigida no sentido do seu próprio ego”.<sup>11</sup>

Aqui aludimos ao que Freud chamou de superego, que seria uma instância interior que supervisionaria de forma “repressora” os impulsos. Acreditamos que esses impulsos seriam, justamente, a força motora da criatividade humana (Nietzsche). Nesse sentido, a energia que os impulsos gerariam e que possivelmente seria transformada em algo de novo, agora será canalizada para outras atividades que não causariam ao indivíduo mal algum, ao menos externamente, ele ficaria muito mais “precavido”.

Mas a essa supervisão Freud chamou de consciência e insinuou sua agressividade, voltada contra si mesma, possivelmente em forma de culpa: “A tensão entre o severo superego e o ego, que a ele se acha sujeito, é por nós chamada de culpa; expressa como necessidade de punição”.<sup>12</sup>

E dessa forma a sociedade consegue fazer com que o indivíduo estabeleça uma vigilância sobre si mesmo. A energia gasta para submeter o potencial criativo parte do interior do próprio indivíduo.

Poderíamos chamar, com justiça, essa instância de consciência, ou, ao menos, o que chamamos de consciência.

Vejamos o grande contra-senso dessa proposição. Entendemos que todo indivíduo é portador de uma força vital que o impele para a criação, para o

---

<sup>11</sup> Freud, 1997a, p. 83.

<sup>12</sup> Idem, p. 84.

crescimento. Por outro lado, propomos que os processos educacionais funcionam como uma força que tolhe o potencial criativo, como é possível que uma força vital, como força, possa se submeter e deixar de expandir-se?

“...A diminuição dos instintos hostis e que geram desconfiança – este seria o nosso ‘progresso’ – representa só uma das conseqüências, na diminuição geral da *vitalidade*: custa cem vezes mais esforço, mais cautela, levar a efeito uma existência tão condicional e tardia”.<sup>13</sup>

Ser educado é combater a si mesmo, é submeter-se às imposições sociais, mas, sobretudo, é saber docilizar seus instintos. Consciência, neste caso, seria o oposto de instintivo.

Quem na atualidade teria coragem de afirmar dentro de uma escola que se conscientizar é diminuir as forças vitais daquele que se conscientiza?

E, continuando a análise da força vital que precisa ser docilizada, precisamos observar a quantidade de energia utilizada para manter o autocontrole. Para podermos deixar de tentar pôr em prática nossos desejos e nossas paixões será sempre preciso um dispêndio de energia.

Não nos confundamos, toda força, toda luta que seria travada em uma sociedade onde os impulsos individuais pudessem expandir-se sem uma supervisão ou coação social, é agora dirigida para o interior do homem.

Um combate extenuante deve acontecer internamente para que o indivíduo possa comportar-se de maneira adequada, numa palavra: civilizadamente.

Para chegarmos ao ponto de termos uma sociedade civilizada, na qual os indivíduos passam a ser encarados como cidadãos, ou seja, parte de um corpo social, onde as ordens e as leis devem ser obedecidas para o bom convívio, será necessário energia demais para conter as forças expansivas.

É claro que diante de tanta energia gasta na contenção dos impulsos não poderia sobrar muita energia para as práticas que poderiam levar-nos a promover mudanças, entendendo mudança como algo necessário, porém, não necessariamente para o bem ou para o mal.

---

<sup>13</sup> Nietzsche, 1998a, p 86.

Toda a busca atual, que na verdade é a continuação de um processo bem anterior, é voltada para alcançarmos um objetivo. Entendemos que tal objetivo seria a busca de uma sociedade pacificada e que essa pacificação só seria possível através do estabelecimento da igualdade entre os homens e da racionalidade do indivíduo como meio para atingirmos tal sociedade pacificada.

Para Nietzsche, o grande problema está justamente em se desejar chegar a um fim. Pois todo fim pressupõe um estagnar, um deixar de movimentar-se.

Esse desejar a racionalidade, que aparentemente pode ser considerado (e realmente é, pelos adeptos da razão, como a verdadeira missão da humanidade) como oposição ao agir impulsivo e intempestivo. A vitória da razão diante dos outros instintos é a expressão do desejo de um indivíduo espiritualizado<sup>14</sup>, enfraquecido e incapaz de lutar para impor a sua vontade:

“[...] somos igualmente velhos demais, tardios demais: nossa moral da simpatia, contra a qual fui o primeiro a advertir, isso que pode ser chamado *impressionisme morale* é mais uma expressão da superexcitabilidade fisiológica que é própria de tudo o que é *décadent*.”<sup>15</sup>

Dito de outra maneira, desejar um fim é a expressão de indivíduos que perderam ou estão perdendo suas forças vitais.

Dessa maneira, o valor da educação encontra-se muito mais no seu potencial seletivo do que no seu potencial de elevação do indivíduo. Ao contrário, em termos de potencial criativo a educação escolar é muito mais repressora do que propriamente “emancipadora”.

Não custa lembrar o caráter indeterminado desse processo. Não é uma questão, voltamos a repetir, de dizer que toda educação tem por finalidade reprimir a criatividade, mas, estamos defendendo aqui que para a nossa sociedade, toda mudança é encarada de maneira desconfiada e como tal, a educação recebe em suas mãos a tarefa de tentar direcionar o indivíduo para os comportamentos já aceitos, àqueles que já estão “comprovadamente” estabelecidos e tidos como “normais” e aceitáveis.

---

<sup>14</sup> Entendo por espírito, como se vê, a cautela, a paciência, a astúcia, a dissimulação, o grande autodomínio e tudo o que seja *mimicry* [mimetismo] (esse último compreende boa parte do que se chama virtude). Nietzsche, 1998a, p. 72.

<sup>15</sup> Idem, p. 87. (friso do autor)

Embora não seja fácil entender o porquê da continuidade ou aprofundamento das desigualdades, uma vez que passamos por muitos anos de tentativas para acabá-la ou diminuí-la, a desigualdade entre os indivíduos permanece. Poderíamos até mesmo suspeitar que ela tenha aumentado.

Bauman dá um exemplo de como cada sociedade em seu tempo específico produziu os seus desiguais: “Todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável”.<sup>16</sup>

Partimos do entendimento de que a educação é um desses métodos utilizados para estabelecer um determinado tipo de ser humano, no intuito de estabelecer a igualdade entre eles, numa tentativa de diminuir as injustiças. Embora, como afirmou Bauman, ela também acabe por estabelecer parâmetros que irão, ao término, discriminar os indivíduos que serão indicados como normais ou anormais, intensificando assim as diferenças.

Essa diferenciação, que poderia ser considerada como fracasso pelos “pensadores” da educação, para nós, que gostamos de acreditar no potencial criativo de tudo o que é diferente, é visto como positividade.

Não gostaríamos de estabelecer a igualdade entre os indivíduos. Ao contrário, valorizamos, justamente, a imensa variedade de maneiras de ser e de pensar dos indivíduos e, para nós, seria ela a abertura para um devir criativo, o que poderíamos entender como uma possibilidade.

## 1.2 Do pesado conhecimento aos pequenos desejos.

Decerto se não deve desejar que diminua a violência entre os homens; porque esta violência obriga os homens a ser fortes, e mantém na sua integridade o tipo do homem robusto. O temível e desastroso é o grande tédio do homem e a sua grande compaixão. Se algum dia estes dois elementos se unirem, darão à luz, irremissivelmente, a monstruosa ‘última’ vontade, a sua vontade do nada, o niilismo”.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Bauman, 1998, p. 27.

<sup>17</sup> Nietzsche, 1998c, p. 84.

É certo que o Homem ainda deseja, ele ainda sucumbe pelas suas paixões, é provável que ouçamos discursos que ainda critiquem o caráter extremamente desejante e impulsivo da humanidade.

Ouviremos sem muita dificuldade discursos afirmando que o fato de nossa sociedade ainda não ser justa deve-se ao fato de muitos, senão a maioria dos indivíduos, não conseguirem ser senhores sobre suas paixões e apetites, o que ainda estaria nos trazendo contendas e desavenças.

A paz social e o fim da peregrinação da razão humana estariam condicionados ao extremo cuidado e controle dos impulsos e desejos humanos.

Nesse imperativo encontramos parte do problema relacionado à educação, submeter os impulsos à razão.

Para Nietzsche, há uma grande contradição nesta imposição: “Exigir à força que não se manifeste como tal, que não seja uma vontade de dominar uma rede de inimigos, de resistência e de combate, é tão insensato como exigir à fraqueza que se manifeste como força”.<sup>18</sup>

Se considerarmos o impulso como uma força vital, como realmente acreditamos que seja, então estaremos consciente ou inconscientemente diminuindo a força vital daqueles a quem impomos a razão como forma de mediação ou contenção do desejo.

Neste ponto será preciso que estabeleçamos uma diferenciação entre o que entendemos como força vital ou força criadora, na medida em que esta mesma força poderá ser considerada como uma “força destrutiva”. Freud, ao contrapor no indivíduo dois tipos de desejos, afirma que há um tipo de desejo de conservação, de preservação da vida e outro tipo de desejo que seria autodestrutivo: “Uma idéia mais fecunda era a de que uma parte do instinto é desviada no sentido do mundo externo e vem à luz como um instinto de agressividade e destrutividade”.<sup>19</sup>

Embora possamos concordar com Freud quando ele afirma que um determinado tipo de instinto acaba por nos levar a situações onde a destruição do indivíduo possa ocorrer, para nós, por trás dessa aparente busca pela destruição

---

<sup>18</sup> Idem, p. 17.

<sup>19</sup> Freud, 1997a, 77.



está a “necessidade” que o indivíduo tem de expandir-se, necessidade de crescimento.

É verdade que o crescimento de um indivíduo poderá chocar-se com a tentativa de outros indivíduos de também procurarem seu crescimento, dois organismos disputando espaço para crescimento poderão provocar a destruição de um deles, ou a de ambos.

No entanto, a força inicial tem como objetivo a expansão, o que Nietzsche chamou de “vontade de potência”, que poderia até mesmo provocar a morte do indivíduo; não como desejo, mas como consequência.

O desejo é a exteriorização de uma vontade criadora, então, estaremos podando o potencial criativo do indivíduo ao exigirmos dele a submissão aos ensinamentos educacionais, que têm como finalidade, a nosso ver, o estabelecimento de um comportamento civilizado.

Mas, como está citado acima, a força não pode deixar de agir. A partir desse entendimento podemos chegar à conclusão que a energia que seria utilizada pelo indivíduo para sua expansão deverá agora ser canalizada para outro ponto.

Toda força que seria despendida em um combate exterior para a procura da expansão da criatividade humana, agora será direcionada de forma ainda mais violenta para o interior do indivíduo, torturando-o com o sentimento de culpa.

Uma imensa energia terá que ser gasta para que o indivíduo possa se tornar o ser social desejado pela atualidade, para tornar-se um “bom cidadão”.

O indivíduo que, descuidadamente cair na armadilha do discurso em prol da civilização e da cidadania, terá que combater a si mesmo. Terá que se vigiar constantemente.

O homem racional é aquele que reconhece em si um ser desejante e que esses desejos poderiam causar-lhe a ruína (o poder destrutivo Freudiano), portanto, seus desejos deverão ser combatidos.

Na perspectiva educacional, a “sabedoria” está, justamente, em reconhecer a necessidade do autocontrole e ter energia (consciência) suficiente para evitar cair em “tentação”, o que poderia causar-lhe a destruição.

Todo ou parte do mal-estar que aflige alguns de nós está relacionado à angústia criada pelo combate do indivíduo contra si mesmo, ou seja, sua

culpabilização. Mal-Estar causado ora por não poder realizar seus desejos (frustração), ora pelo desgaste causado pelo combate interno para a contenção ou supressão desses desejos (sentimento de culpa e autopunição).

Ou seja, os impulsos que poderiam provocar disputas e desavenças entre os indivíduos, agora provocam desavenças internas:

“[...] os antigos instintos não haviam renunciado de vez às suas exigências. Mas era difícil e amiúde impossível satisfazê-las; era preciso procurar satisfações novas e subterrâneas. Os instintos sob a enorme força repressiva, 'volvem para dentro', a isto se chama 'interiorização do homem', assim se desenvolve o que mais tarde se há de chamar 'alma' ”.<sup>20</sup>

Essa descrição nietzschiana certamente mantém relação de proximidade com o que Freud chamou de Superego, uma instância interior, supervisionadora e repressora.

Aquela “força” interior que nos leva sempre a medir todas as conseqüências, ou que nos causa sempre um mal estar quando “transgredimos” alguma ordem moral, aquela força que poderíamos chamar de consciência.

Não é nossa intenção questionar o grau de proximidade ou afastamento dos dois autores, porém, ao menos em um ponto concordamos: o mal estar provocado pelo combate interno, fruto da interiorização da ordem, gera grande parte do mal estar citado tanto por Nietzsche como por Freud.

Dessa forma, se por um lado os instintos possuem o potencial para a criação, por outro lado eles também podem causar a nossa destruição. Os instintos seriam a potência sem controle. No entanto, essa potência sem a capacidade de manter-se sob controle, poderia levar-nos a autodestruição.

A razão seria, justamente, aquela que poderia controlar os instintos, preservando a integridade do indivíduo.

Ela seria assim a grande “ilusão” de que seríamos capazes de controlar nossos instintos.

A razão que aparentemente substituiu o dogma religioso tornou-se o grande dogma da modernidade, permanecendo até nossos dias.

---

<sup>20</sup> Nietzsche, 1998c, 50.

Se antes Deus dava as ordens e estabelecia as leis que determinariam o comportamento esperado, agora é a razão que determina o nosso comportamento. E não podemos deixar de pensar o quanto nos é agradável acreditar na força da razão humana, na força da nossa ciência.

Graças à ciência e seus conhecimentos, o homem acredita poder desvendar quase todas as questões “importantes” relativas à humanidade, tendo o “privilégio” de não deixar dúvidas sobre suas descobertas.

Para entender o mal estar e o comportamento do indivíduo, preferimos a noção nietzschiana de que o indivíduo é o resultado do combate entre vários instintos e que até mesmo a razão é apenas um desses instintos<sup>21</sup>, não merecendo, portanto, uma maior consideração do que a paixão.

“Freud e Nietzsche são pensadores do embate; para eles o campo pulsional não é o da mera coexistência do diverso, mas uma arena na qual as forças se confrontam sem possibilidade de síntese apaziguadora”.<sup>22</sup>

Frisamos esse ponto de vista para que fique claro para nós o valor da razão. Ela tem exatamente o mesmo valor que os demais instintos, pois ela também é um instinto.

Reconhecemos, no entanto, que cada vez mais ela se faz vencedora do combate com os outros instintos. Dessa forma o “ser racional” acaba por permanecer visível com maior frequência no indivíduo do que o “ser instintivo”.

O ser racional é reconhecido atualmente como virtuoso. Isso se dá certamente pelo fato de ainda estarmos sob a supervisão de uma sociedade que se pretende a realização do sonho da vitória da razão humana.

Uma sociedade que se acredita promotora da justiça entre seus indivíduos através da razão, do raciocínio e da moderação que aparentemente um indivíduo racional possui.

---

<sup>21</sup> A professora Gondar explica que o termo *Trieb* é geralmente traduzido, nos textos nietzschianos, como *instinto* e em Freud como *pulsão*. A autora prefere o termo *pulsão*, mas, nós utilizaremos o termo *instinto* com maior frequência.

<sup>22</sup> Gondar, 2006, p. 110.

Nesse tipo de sociedade a razão comportaria o poder moderador, o poder controlador das “instâncias subterrâneas” que poderiam causar a ruína do indivíduo ou da sociedade.

Não seria de se estranhar, portanto, o valor de uma escola, principalmente nas comunidades mais carentes, onde a injustiça se faz mais presente. Essa aparente injustiça é analisada pelos defensores da educação como o fruto do atraso intelectual provocado pelos poucos anos de escolarização dos indivíduos dessas comunidades.

Há o entendimento de que a escola recebeu a tarefa de levar o conhecimento racional e científico a todos os recantos da sociedade, em uma tarefa que auxiliaria o estabelecimento da igualdade intelectual e da justiça social.

Ora, com uma tarefa tão importante quanto difícil, não teríamos muita dificuldade em começar a estabelecer algumas das origens do que aqui descrevemos como mal-estar do indivíduo. Educar passaria a ser uma tarefa urgente e nobre, reconhecida tanto por professores quanto por pais e alunos.

Quando todos esses atores começam a perceber as dificuldades inerentes ao processo educador e como é difícil estabelecer o desenvolvimento intelectual para todos, logo percebem também que a justiça social não virá tão facilmente.

Ora, precisamos encontrar os culpados, uma vez que todas as condições estão dadas. Salas de aula cheias, “alunos interessados e professores bem formados”, então precisamos achar os culpados.

Os alunos que não conseguem se formar certamente se sentirão culpados pela sua incapacidade de aprender.

O professor com toda a sua formação perceberá, logo cedo, que não conseguirá por meio dos conhecimentos que procura transmitir, levar seus alunos a melhorarem socialmente.

Esses são alguns dos problemas causadores do mal-estar na educação.

Não é difícil entender o porquê de tanto investimento em escolas nas comunidades mais carentes.

É lá que poderemos encontrar a maior quantidade de pessoas descontentes com a sua realidade.

Por um lado, esse investimento poderia diminuir as injustiças caso conseguissem lograr êxito, ao menos financeiramente, ao qualificar profissionalmente os moradores desses locais. Por outro lado, esse investimento em educação acaba barrando também os potenciais de mudança que acompanha todo descontentamento.

Observamos a relativa “tranquilidade” social dessas comunidades e podemos imaginar o quanto de energia interna não está sendo gasta pelos indivíduos para que a manutenção da aparente tranquilidade continue.

Sobre esse autocontrole adquirido por meio da educação, Elias afirma:

“Os choques físicos e as guerras diminuíram e tudo o que as lembrava (...) foi banido da vista ou pelo menos submetido a regras sociais cada vez mais exatas. Mas, ao mesmo tempo, o campo de batalha foi, em certo sentido, transportado para dentro do indivíduo”.<sup>23</sup>

Se entendermos que os instintos estão constantemente em combate, então para conter toda a agressividade potencial representada pelo desejo de revanche, de inveja e todos aqueles instintos que em princípio poderiam levá-los para a desobediência, necessitarão de um policiamento constante.

Neste caso, os indivíduos menos favorecidos pela sociedade capitalista terão que exercer sobre si mesmos um policiamento constante.

Parece claro que anos de escolarização e ensinamentos familiares auxiliam na interiorização da energia de tais instintos. A criação de uma consciência por meio da educação escolar, também auxiliaria na formação dessa “instância policial”.

É assim que encaramos as formas culturais expressas de forma quase espontânea por essas comunidades.

É necessária a criação de formas artísticas capazes de dar vazão às suas frustrações e descontentamentos.

Podemos observar atualmente o surgimento de músicas que procuram expressar toda a violência que um indivíduo poderia externalizar em sua relação social com os demais indivíduos.

---

<sup>23</sup> Elias, 1993, p. 203.

Toda uma declaração de “força” e de contestação contra tudo o que eles encaram como injustiça.

Nessas músicas os indivíduos demonstram coragem, superação e destemor por qualquer tipo de punição que poderiam receber.

Na verdade, a realização de tais desejos é coibida justamente pelo medo e previsão de punições.

A partir dessas músicas os indivíduos extravasam parte da potência que tenderia a exteriorizar-se em forma de violência.

Essas músicas também permitem o extravasamento da sensualidade que não é permitida pela sociedade civilizada.

Nossa sociedade estabelece os locais onde a sensualidade e a agressividade podem ser exibidas, passarelas e estádios lotados têm seu valor de válvula de escape para o excedente de energia dos instintos.

Certamente, os políticos e demais pensadores da ordem social já perceberam o valor de tal extravasamento, uma energia gasta de forma “artística” provoca bem menos preocupação do que atos reais de violência.

Apesar de algumas críticas por parte da “elite” conservadora, a grande maioria acaba por se ajustar e conviver bem com um nível que eles considerariam “baixo” de erudição, ao menos para os padrões exigidos pela alta cultura, mesmo que seus filhos estejam cada vez mais se aproximando desses círculos artísticos.

No âmbito escolar, o mal-estar gerado pela interiorização dos instintos atinge tanto os alunos quantos os professores.

Como descreve o professor Sylvio de Sousa Gadelha Costa, Doutor em Educação e professor da Universidade Federal do Ceará (UFC), em seu artigo: “De Fardos Que Podem Acompanhar a Atividade Docente ou De Como O Mestre Pode Devir Burro (Ou Camelo)”, e em suas observações ao exercer a função docente em uma escola pobre da periferia do Ceará: “Assim, entre o imperativo de o professor conscientizar-se como educador, cidadão e revolucionário e sua difícil e grandiosa

tarefa emancipadora, instalavam-se a dor e a angústia, algo crivado por certa crueldade”.<sup>24</sup>

É compreensível que os professores sejam assolados por angústias tais como a “Síndrome de Burnout”.<sup>25</sup> Afinal, sua tarefa é pesada demais: ele precisa ao mesmo tempo ser um exemplo de cidadão e um formador de novos cidadãos.

E corroborando com a dificuldade de cumprir a sua missão, o professor precisará manter-se em constante reciclagem, obedecendo ao imperativo social que determina que todo professor esteja com seus conhecimentos atualizados.

Mudanças no âmbito social, com o aparente objetivo de melhorar a sociedade, o obrigam a procurar a atualização do seu saber: o que hoje é conhecimento, amanhã não passará de lembrança, sendo por muitas vezes objeto de deboche por estar ultrapassado.

Ele também precisa possuir a liberdade própria daquele que tudo vê e que tudo sabe e, portanto, a tudo pode criticar, sempre com propriedade. Liberdade inclusive para poder agir racionalmente, supervisionando seus desejos obscuros que teimam em pôr as “garras” de fora. Aqui a questão não é deixar de desejar, mas, poder ser “senhor” dos seus desejos.

O professor é a essência do racional e da consciência, isso é claro, sob a ótica de uma sociedade que prega a vitória da razão.

Lembrando apenas que essa sociedade não entende a razão como mais um dos instintos humanos, como é o nosso caso, mas, justamente, como a superação desses instintos.

O professor precisa lidar com o peso da missão que é conscientizar-se e conscientizar os seus alunos, e na impossibilidade de realizá-la, acaba por assumir a responsabilidade pelo suposto “fracasso”.

Dessa forma um dos motivos da sua angústia consistiria no cansaço provocado pelas cobranças internas ao sentir-se incapaz de realizar a “sua missão”.

---

<sup>24</sup> Costa, 2005, p. 3.

<sup>25</sup> Síndrome de Burnout é um distúrbio psíquico de caráter depressivo, precedido de esgotamento físico e mental intenso, cuja causa está intimamente ligada à vida profissional. Fonte: <http://pt.wikipedia.org>.

Por outro lado, o professor precisaria comportar-se exemplarmente em sociedade. Mas ele também sente os mesmos desejos das demais pessoas e como tal, necessitará manter sob controle seus instintos mais agressivos.

Servindo de exemplo para a formação das gerações futuras, o professor não poderia expor suas “fraquezas”, portanto esses instintos precisam controlados e o professor se comportar civilizadamente:

“Virtude é, para eles, o que torna modesto e manso; com isto, transformaram o lobo em cão e o próprio homem no melhor animal doméstico do homem”.<sup>26</sup>

Animais de estimação sabem onde é seu lugar e não provocam medo, são dóceis e colaborativos.

Para poder ser dócil e colaborativo, o professor precisará combater a si mesmo, o que certamente lhe trará mais angústias.

Conviver com educandos residentes em áreas menos privilegiadas acaba por causar no educador a desconfiança de que seu trabalho não poderá ser plenamente realizado, ou seja, dificilmente o resultado do seu trabalho será o idealizado pelos planejadores da educação e pelos sociólogos. A educação escolar não pode sozinha garantir a ascensão social do indivíduo.

O educador precisará aprender a conviver com a idéia de que nem todos os seus educandos poderão se transformar nos bem sucedidos cidadãos e profissionais que a Escola e o Estado prometem.

No atual sistema social, ter um bom emprego é um dos principais parâmetros para avaliar os resultados da educação escolar e, em segundo plano, a maneira como o aluno, ou ex-aluno, se comporta em sociedade, se ele é “civilizado” ou não e, com bem menos importância, o desenvolvimento intelectual dele.

Se a possibilidade de enquadrar-se em um bom emprego já não é garantida para aqueles que saem das salas de aula, em uma sociedade onde se afirmam as mesmas oportunidades para todos, mas que até hoje não conseguiu a realização do pleno emprego, a educação e os indivíduos terão que ser responsabilizados pelo fracasso do desemprego.

---

<sup>26</sup> Nietzsche, 1998b, p. 206.



O Estado oferece uma grande estrutura para poder realizar a formação dos seus cidadãos, escolas, secretarias, diretores, orientadores, professores e muito planejamento.

Como poderia não dar certo tal educação bem pensada e planejada?

O sistema capitalista baseia-se na exploração do trabalho e no acúmulo de riqueza. Para que o empregador consiga enriquecer ele tem que ganhar mais do que gasta. Com isso, cada vez mais o sistema investe em criação de tecnologias que tornem mais barato o processo produtivo.

Todas essas novas tecnologias utilizadas nas linhas de produção são anunciadas como maneiras mais racionais e eficientes de produzir bens materiais. No discurso empresarial esse “avanço” tecnológico teria por finalidade o aumento da produção e, portanto, seria uma melhoria para o conjunto da sociedade.

No entanto, muitos empregados perdem seus postos de trabalho ao se implantar novas máquinas da linha de produção. Isso ocorre porque será necessário um número menor de empregados para produzir uma quantidade maior de bens.

A diminuição da folha de pagamento é a maneira mais comum de diminuir os gastos na produção, com isso haverá menos postos de trabalho e menor será a possibilidade de um indivíduo empregar-se.

Mas, o mais comum é culpar as pessoas pela sua aparente incapacidade de enquadrar-se nas exigências do mercado.

Como a tendência é que cada vez mais as empresas se adéquam às novas tecnologias, podemos concluir que cada vez mais os jovens que saem das salas de aula terão maior dificuldade em empregar-se.

Então, não podemos apenas culpar os professores e os alunos pelo fracasso da educação escolar em capacitar seus formandos para um bom emprego ao término de um curso, pois toda a estrutura social colabora para a diminuição das oportunidades.

A função que o professor tem de preparar o aluno para uma possível melhora das suas condições sociais acabam por revesti-la de um status de nobreza.

Nobreza que aumenta pelo fato do trabalho do professor ser basicamente intelectual, opondo-se ao trabalho braçal, que na sociedade capitalista tem menos valor.

Ao se reconhecer como trabalhador intelectual e sentir-se valorizado pela sua capacidade, o professor colabora para o fortalecimento da lógica capitalista.

No entanto, os intelectuais não têm mais o mesmo poder que tinham no passado. O valor dos intelectuais diminuiu à medida que sua capacidade de prescrever maneiras de viver perdeu força.

Não é mais o escritor que serve como formador de opiniões, essa mudança certamente também trouxe um desconforto para o professor. As massas não seguem mais seus mandamentos, elas aprenderam, de certa maneira, a pensar por si mesmas.

“Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem”.<sup>27</sup>

A mudança percebida por Foucault trouxe uma perda considerável da importância do professor para os processos formadores da sociedade. Com isso, ele sentiu-se menos nobre e talvez seja por isso que as relações em sala de aula se alteraram.

Não é difícil encontrarmos professores desgostosos por serem confrontados por pais e alunos que afirmam saber o melhor para sua educação e formação.

Em um passado recente, o professor, que era o representante da intelectualidade, era obedecido em sala de aula quase sem questionamento. Hoje ele precisará de muito mais argumentos para tentar convencer os alunos e seus pais de que ele sabe o que é melhor para eles.

Essa perda de poder do professor aconteceu porque as pessoas aprenderam a falar por si mesmas. E foi bom que tenham aprendido, afinal são elas que vivenciam a sua realidade.

O que os intelectuais faziam era avaliar, de uma certa distância, as condições em que as pessoas viviam e receitavam maneiras de agir. Esse dispositivo perdurou

---

<sup>27</sup> Foucault, 1979, p. 71.

por muito tempo, mas, perdeu força por não ter tido bons resultados práticos na maneira de viver das massas. Elas continuaram sendo exploradas.

Quem melhor do que as próprias massas para interpretar e traçar uma linha de ação sobre a sua própria vida? Afinal, são elas que são privadas dos benefícios sociais e que precisam ser criativas para se manterem vivas.

O mal-estar do professor devido à perda do seu poder de conscientização pode ser superado se ele entender que sua função apenas se deslocou. Ele não é mais aquele que prescreve a maneira que as massas deveriam agir ou viver. Agora ele encontra-se no meio da massa:

“O papel do intelectual não é mais o de se colocar ‘um pouco na frente ou um pouco do lado’ para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: Na ordem do saber, da ‘verdade’, da ‘consciência’, do discurso”<sup>28</sup>.

Não ser mais aquele que indica o caminho a ser seguido pela massa pode representar a perda de poder do intelectual e do professor, seu maior representante na escola, mas, também representa a possibilidade de apropriação das massas em relação ao seu próprio destino.

Por outro lado, abriu-se a oportunidade para o professor rever o seu papel nas disputas de poder na sociedade. O intelectual serviu de “ferramenta” para o sistema capitalista pode exercer ser poder na medida em que representava aquele que detinha o conhecimento e, como tal, deveria ser obedecido. Essa crença privou por muito tempo as massas de poderem emitir opiniões até mesmo em relação a suas próprias vidas, agora o professor tem a tarefa de denunciar as “artimanhas” do capital:

“Luta contra o poder, luta para fazê-lo aparecer e feri-lo onde ele é mais invisível e mais insidioso”<sup>29</sup>.

---

<sup>28</sup> Idem, 1979, p. 71.

<sup>29</sup> Idem, 1979, p. 71.

## 2 DO CONHECIMENTO CIVILIZADOR.

### 2.1 Dos livros a razão; da leitura à civilização.

É impressionante a persistência da crença nos benefícios que podem ser realizados por meio das boas leituras.

Não é difícil, apesar de todos os problemas enfrentados pela humanização por meio da educação escolar e da leitura a ela associada, encontrarmos defensores ferrenhos da permanência e até mesmo da intensificação do projeto de se pacificar o homem e a sociedade via educação escolar e leitura.

Segundo Sloterdijk: “O tema latente do humanismo é, portanto, o desembrutecimento do ser humano e sua tese latente é: as boas leituras conduzem à domesticação”.<sup>30</sup>

Pois bem, ler e docilizar parecem ter correlação, mas não pode ser qualquer leitura, há que ser “boas leituras”, ou seja, aquelas que conduzam o indivíduo para um comportamento desejado.

Os autores clássicos serviram por muito tempo como referência para as leituras que deveriam ser propostas para a humanização da sociedade.

Os grandes pensadores, todos associados aos textos filosóficos, que por meio da sua capacidade racional em compreender as questões que para os comuns seriam insondáveis, foram sempre os autores mais receitados e, portanto, os mais lidos para cumprir sua missão de civilizadores.

A educação realmente foi incumbida de auxiliar nessa tarefa, mas, desde o início, ela não poderia ficar restrita a uma única possibilidade, aliás, como em qualquer criação humana, sempre haverá várias possibilidades que ficarão em aberto, queiramos ou não.

Por exemplo, para Roberto Kurz a educação escolar teria a função de: “adestramento espiritual e o aprendizado de parâmetros comportamentais com a

---

<sup>30</sup> Sloterdijk, 2000, p. 17.

finalidade de ajustar a práxis inteira da vida ao "trabalho abstrato" (Marx) e à concorrência universal".<sup>31</sup>

Educar então teria o objetivo de atingir um certo comportamento e para um certo fim. Para Kurz, esse objetivo estaria voltado para a formação do trabalhador, principalmente para as classes menos abastadas, e um ensino mais humanístico e intelectual para a elite governante.

Então, estudar e ler auxiliariam no trabalho de espiritualização (no sentido nietzschiano, de um animal moral) do indivíduo, ou seja, na formação do trabalhador adequado (Kurz) e ao mesmo tempo, a formação da mão de obra técnica.

Kurz entende que esse "ajustamento" do homem estaria relacionado aos interesses do sistema capitalista de formar mão de obra qualificada para fins de produção e aquisição dos lucros oriundos de um trabalho mais técnico e qualificado, aliás, como já descrevemos anteriormente.

A questão é que um sistema não pode fugir aos meios de organização em que se fundamenta, dos quais seria a fonte e o resultado. Um está entrelaçado ao outro. Ou seja, um sistema que valoriza o bem material terá forçosamente que investir nos meios para a produção, e esse mesmo sistema que foi e é fruto do desenvolvimento dos meios de produção não poderá abrir mão desses meios e sempre estará vinculado ao desenvolvimento de técnicas de produção cada vez mais "racionais".

Para Sloterdijk, em relação ao comportamento do indivíduo, o ser humano está sempre às voltas com dois tipos de comportamento, o "embrutecido" ou "bárbaro", ou o oposto, o "dócil" ou "civilizado", que é o comportamento desejado.

A leitura estaria identificada com a formação para o indivíduo espiritualizado, docilizado, e as demais mídias colaborariam para a formação de indivíduos "agressivos", ou como é comum nos dias atuais, "mal educados".

Assim os meios pelos quais os indivíduos sofrem as intervenções educacionais dividiriam-se, em princípio, segundo Sloterdijk, em mídias inibidoras e desinibidoras.

---

<sup>31</sup> Kurz, 2004, p. 1.

Essa divisão que pode ser questionada quanto à simplificação dicotômica, não pode, no entanto, ser negada.

Com a expansão dos meios de comunicação, as pessoas passaram a ter mais contato direto com informações que antes só poderiam alcançar por meio de livros, revistas, jornais ou em sala de aula através de um professor.

Como a maioria da população não tem acesso a esses meios de comunicação impressa, a transmissão do conhecimento era praticamente privilégio dos professores.

A popularização dos meios informacionais alterou substancialmente a relação professor-aluno. O professor que antes era encarado como o “detentor” dos conhecimentos capazes de contribuir para a boa formação do indivíduo agora se vê pressionado pelo descaso dos alunos em relação ao conteúdo que ele tenta lhes transmitir.

Esse contato direto do aluno com as informações por meio da internet e televisão tem sido acusado de ser o motivo maior para o aumento da violência em sala de aula.

A sociedade ainda acredita no potencial docilizador das leituras e por isso critica o excesso de liberdade que os alunos têm para acessar os meios de comunicação.

O que parece ficar claro nessa disputa entre as mídias é que a leitura é apenas um dos meios que podem ser utilizados para a formação do ser humano.

Quase tudo o que foi produzido de importante pela razão humana está gravado em escrituras quase sempre acessíveis aos professores e alunos.

Estantes e bibliotecas serviram por muito tempo de ponto de referência como o local onde se poderia buscar o conhecimento.

Aqueles que frequentavam as bibliotecas ou possuíam grandes enciclopédias em suas casas para consultas constantes, eram sempre vistos como pessoas cultas.

Para a nossa sociedade não saber ler e escrever representava um tipo de prisão onde o indivíduo seria comparado com um escravo.

Nesse contexto, a emancipação do indivíduo esteve sempre relacionada a quantidade de leituras que ele possuía. Seu conhecimento era avaliado pela quantidade de citações que ele poderia colocar em seus textos e sua capacidade argumentativa, baseada na referência dos grandes especialistas.

Assim, para poder escrever e emitir opiniões seria necessário ler muito. Quanto mais leituras tivéssemos, mais emancipados e capazes seríamos.

Parece incontestável o potencial formador dos livros e da leitura, o que não é tão claro assim é o potencial de libertação dos textos, ou seja, será que aquele que muito lê está garantido em sua emancipação?

Acreditamos que não. Na verdade a leitura, assim como qualquer outro instrumento humano usado na formação do homem, possuirá uma série de potencialidades, inclusive o potencial de aprisionamento do indivíduo.

Quem muito lê poderá permanecer dependente da leitura, precisando sempre recorrer aos autores para poder emitir sua opinião.

Não se trata de acreditar em idéias inatas, ou acreditar na criação constante de novas idéias. Trata-se de, em qualquer caso onde for preciso emitir uma opinião, buscar nas leituras anteriores todas as fundamentações de seus argumentos.

O leitor atento deverá sempre procurar refletir sobre sua leitura, como diria Nietzsche, ele deverá “ruminar” o que leu, inúmeras vezes. Ele deverá evitar, sempre que possível, emitir opiniões apressadas.

É preciso ter tempo: “Um homem como este ainda não desaprendeu a pensar lendo, ele conhece ainda o segredo de ler nas entrelinhas; ele tem inclusive o caráter tão pródigo, que ainda medita sobre o que leu, talvez durante muito tempo depois de ter fechado o livro. E não para escrever um resumo ou ainda um livro, não, somente como tal, para meditar!”<sup>32</sup>

Nossa perspectiva de que a formação do indivíduo é completamente desprovida de algo determinado, tratando-se, na melhor das hipóteses, de uma confluência acidental, nos leva a acreditar que a leitura serviria muito mais como uma das ferramentas possíveis de ser utilizada para o auxílio da formação humana.

É preciso que se tenha tempo, até mesmo para se chegar a conclusão de que nada do que se leu deva ser levado em consideração.

---

<sup>32</sup> Larrosa, 2004, p. 46 e 47.

Se pudermos falar em critério para a avaliação do que seria ou não importante numa leitura, estaríamos tentados a aceitar o entendimento de que, tudo aquilo que contribuir para o aumento da vontade de viver, tudo aquilo que reforce a vitalidade humana seria uma leitura aproveitável.

Por outro lado, toda leitura que nos leve a procurar abrigo no sossego do nosso lar, que nos diga: o importante é a paz, a tranqüilidade e que tudo já está dado e, portanto, não há o que se procurar, não há o que se desejar. Essa leitura não deverá, ao menos para nós, ser levada em consideração.

Um texto, seja ele qual for, tem que ser encarado como uma ferramenta, ele tem que servir para o aumento da força vital do indivíduo e não apenas como receita para se chegar a uma tranquilidade, seja material, seja espiritual.

Não acreditamos, no entanto, que qualquer texto seja por si só capaz de liberar ou aprisionar a energia de uma pessoa. Não é disso que se trata.

Acreditamos que todos nós tenhamos instintos que procuram a expansão da vida e que esses instintos acabam por colocar a nossa existência em risco. Por outro lado, somos influenciados também por instintos que procuram a conservação da vida.

Esses instintos nos lembram o tempo todo dos perigos dos combates e dos enfrentamentos. E numa sociedade como a nossa, a autopreservação parece passar pela obediência às leis estabelecidas.

O medo, que certamente é instintivo, procura lembrar-nos de que nossa principal missão é mantermo-nos vivos, sufocamos nossos desejos mais violentos por estarmos sob a coação do medo da morte ou da punição.

As mídias que Sloterdijk chama de embrutecedoras são aquelas em que o indivíduo dá vazão aos seus desejos e seus resultados são considerados como subversivos pela ordem social.

Elas colocam o indivíduo em contato direto com as imagens e sensações geradas sem a censura prévia de uma autoridade educativa: violência, sexo, roubos e assassinatos são expostos sem a menor cerimônia nos telejornais e programas de auditório.



A responsabilidade pela seleção das imagens recai sobre pais e espectadores atônitos que no anonimato de seus lares ou *lan houses* acabam por sofrer a influência das imagens reprováveis pela ótica da norma culta.

Talvez o pior feito de Nietzsche tenha sido sua insistente provocação ao delatar a hipocrisia de uma sociedade que se queria pacífica, justa e racional.

Ele diz para quem quiser ouvir: “Os bárbaros de todas as épocas foram mais felizes: não nos iludamos!”.<sup>33</sup>

Pois bem, não é difícil entender essa passagem, basta frequentar as festas e os famosos bailes *funk* para encontrarmos uma massa em frenesi ao som de músicas incentivadoras da violência e do sexo. Mesmo as classes mais “cultas”, quando distraídas, acabam sendo surpreendidas “curtindo” tais músicas.

Os programas que expõem a sexualidade ou que acompanham as incursões dos policiais nas favelas se proliferam na mesma velocidade que suas pontuações nas agências que avaliam os índices de audiência.

Isso acontece porque dá prazer ver o sofrimento do outro, ainda mais se acreditarmos que esse outro não é um ser humano, mas, um “marginal” um delinquente.

Nietzsche aponta para os rostos aparentemente tranqüilos daqueles que pregam a civilidade e respeito às leis e diz: “eu sei o que se esconde em seus corações, vocês, os justos e bons”.

Não é por acaso que padres e professores tenham recebido a nobre missão de auxiliar na pacificação social.

Sob a perspectiva daqueles que se acham os bons e justos, todos nós sofremos de doenças insondáveis, ou seja, doenças da alma. Nosso comportamento, influenciado pelos nossos desejos e paixões, acaba por contrariar a norma culta.

Talvez seja por isso que a sala de aula seja, ao menos para alguns, uma tortura, pois, na verdade, é lá que aprendemos que os nossos desejos, quando contrariam as leis sociais, não são aceitáveis.

---

<sup>33</sup> Nietzsche, 1974d, p. 429.

Segundo essa norma o bom cidadão é aquele que usa a razão para poder conviver pacificamente com o seu semelhante.

Aceitamos a crítica do potencial rebaixador da cultura televisiva que expõe suas imagens de violência e sexo que, segundo a “sociedade civilizada”, incitariam os nossos instintos considerados “mais baixos”. Mas, aceitamos também a crítica nietzschiana sobre o poder moderador da razão, por esta provocar o enfraquecimento da força criativa do indivíduo.

As duas tendências possuem o potencial para o rebaixamento e para o crescimento. Se um indivíduo possui força e deseja crescer ele se apropriará de qualquer uma das tendências e a utilizará em processos criativos. Um indivíduo que esteja degenerando usará as tendências de forma reativa.

“O conhecimento se transformou em nós em paixão que não teme nenhum sacrifício e não tem no fundo senão um único receio, o de se extinguir a si própria; acreditamos sinceramente que toda a humanidade, acabrunhada sob o peso dessa paixão, deve sentir-se mais nobre e mais confiante do que antes, quando não tinha ainda ultrapassado a satisfação mais grosseira que acompanha a barbárie. A paixão do conhecimento talvez leve mesmo a humanidade a perecer! [...] E, afinal de contas: se a paixão não leva a humanidade a perecer, ela vai perecer de fraqueza: que preferimos? Esta é a questão essencial. Desejamos que a humanidade acabe no fogo e na luz ou na areia?”<sup>34</sup>

Não será acabando com a paixão, diria Nietzsche, que resolveremos nossos problemas de injustiça e não será apenas com textos “nobres” e cultos que iremos levar nossa cultura e sociedade para um lugar melhor.

O problema está em combatermos os males provocados pelo comportamento apaixonado extinguindo a paixão e o desejo.

Um organismo potente poderá ser senhor das suas paixões, não com o objetivo de tornar-se um dócil ser racional, mas para poder desejar e ser capaz de criar novas formas de viver, superando a tendência autodestrutiva da paixão.

Toda leitura, seja qual for, deverá servir ao propósito de fortalecer a vida. Ela não deverá ser receitada como bula de remédio para curar as paixões. Ela terá que fazer parte de um processo maior e não palpável que nos leve a conhecer, de várias maneiras, os caminhos que iremos percorrer.

---

<sup>34</sup> Idem, p. 429.

É nesse processo que podemos encontrar o valor de uma leitura, a serviço da vontade de viver e de expandir-se. No processo e na energia liberada pelo movimento e não ao término, quando possivelmente atingiu-se o objetivo.

## **2.2 Da homogeneização à domesticação**

A igualdade requer seres pacíficos.

Os historiadores poderiam descrever a história como a marcha da evolução humana da condição de barbárie em direção à civilização. Para eles a história seria justamente o relato da evolução da consciência humana até o momento em que a razão estaria governando as ações do indivíduo.

Não podemos negar que o indivíduo está mais sociável e espiritualizado, e que essa sociabilidade faz parte do processo civilizador que está em marcha há muito tempo.

Coube a escola e ao professor, dar continuidade à caminhada da razão em direção ao seu “destino”.

Ser o divulgador e representante do saber culto ainda faz parte do que dá valor ao trabalho do professor.

Essa característica ainda pode fazer parte da função do professor, mas, certamente, diminuiu em necessidade, em poder e também em nobreza.

A criança que hoje possui em seu lar televisor e computador conectado à internet não terá mais, queiramos ou não, o mesmo comportamento que tinha em um passado recente na escola e na sua relação com o professor.

Já nas séries iniciais o professor precisará adaptar-se a questionamentos por parte dos alunos que no passado só ocorreriam na adolescência, quando o adolescente começava a tomar contato com alguns assuntos que até então lhes eram indiferentes.

Mesmo nessa época o professor via-se em dificuldades para discutir assuntos que seriam tabus mesmo entre os professores.

Agora o desconforto é ainda maior, pois, cada vez mais precocemente o jovem toma conhecimento das questões que antes lhes eram alheias e agora fazem parte do seu cotidiano: sexo, droga e violência.

Para o professor que antes possuía o monopólio da divulgação e da escolha dos assuntos que seriam do interesse dos alunos, o contato direto com esse conhecimento trouxe uma série de desconfortos.

A insegurança de ter que lidar com assuntos para os quais, em princípio, não foi preparado e que seus alunos, por vezes, parecem bem mais informados, aguçando-lhes a curiosidade.

Toda essa responsabilidade que, como dissemos anteriormente, ainda é encarada como uma tarefa nobre e de relevância para a sociedade acaba por pressionar o professor, criando-lhe, por um lado uma tensão concernente a tal responsabilidade e, também, a perspectiva sempre presente de fracasso ao não conseguir cumprir a sua tarefa.

Aquilo que torna nobre a função do professor é também o que exerce pressão sobre os seus “ombros”. Contribuir para a formação e educação de indivíduos, auxiliando na aquisição de saberes que poderão ser utilizados para o resto da vida do aluno e ajudando-o a adequar-se para a convivência social, pode tornar-se um peso insuportável para aqueles que não souberem superar as dificuldades que envolvem todo o processo educacional.

E por mais que os “mandamentos” da educação prometam a superação das desigualdades sociais, ao final do processo podemos perceber a acentuação das diferenças entre os indivíduos.

Jacques Rancière é um dos pensadores que trabalham a questão da desigualdade entre os indivíduos. Doutor em Filosofia e professor emérito da Universidade de Paris VIII, Rancière defende a teoria de que o que entendemos como diferença intelectual entre os indivíduos trata-se na verdade de uma diferença de vontade entre eles e não que um seja mais inteligente do que o outro.

No seu livro “O Mestre Ignorante”, Rancière relata a experiência do pedagogo francês Joseph Jacotot que no século XIX, ao ser designado para ensinar literatura francesa para uma turma de alunos holandeses, descobriu casualmente a

capacidade dos mesmos em aprender uma nova língua sem que lhes fosse dada uma única aula de francês.

A partir dessa experiência, Jacotot passou a afirmar a necessidade de pensarmos o aluno em condições de igualdade intelectual com o professor. A diferença que antes era tratada como uma incapacidade “natural” do aluno em compreender sozinho um texto, teria de ser repensada.

Ou seja, na perspectiva convencional o aluno sempre necessitará de um “mestre explicador” para socorrê-lo, levando-o da condição de ignorante para a condição de conhecedor.

“É preciso inverter a lógica do sistema explicador. A explicação não é necessária para socorrer uma incapacidade de compreender. É, ao contrário, essa *incapacidade*, a ficção estruturante da concepção explicadora de mundo. É o explicador que tem necessidade do incapaz, e não o contrário, é ele que constitui o incapaz como tal. Explicar alguma coisa a alguém é, antes de mais nada, demonstrar-lhe que não pode compreendê-la por si só”.<sup>35</sup>

Nesta passagem, após reconhecer que seus alunos foram capazes de compreender um texto escrito em uma língua a qual não dominavam e que, além disso, produziram textos muito bem escritos a partir da leitura de textos na língua desconhecida, Jacotot procura, a sua maneira, denunciar a produção da desigualdade a partir do discurso da incapacidade intelectual do aluno, que precisaria ser levado da condição de ignorante à condição de sabedor.

Segundo Jacotot, por mais que os professores acreditem na capacidade igualadora da educação, no fundo (será que poderíamos dizer no inconsciente?) não desejam essa igualdade.

A lógica da complexidade do conhecimento acaba por obscurecer a realização da igualdade por meio da educação, segundo essa lógica todo conhecimento é difícil demais para que seja apreendido sem o auxílio de um especialista.

O conhecimento está sempre um passo a frente do aluno, precisando, portanto, de um “empurrãozinho” de um mestre.

---

<sup>35</sup> Rancière, 2007, p. 23.

Ser especialista representa ser o único capaz de realizar uma tarefa, não importando se o especialista de hoje já foi o ignorante de ontem, o que importa é que ele mesmo saiu da condição de ignorante para a de conhecedor e para tanto, submeteu-se à orientação e explicação de um mestre, de um professor.

Ainda sob essa lógica será preciso a relação de submissão entre professor e aluno e ao mesmo tempo o entendimento de que o objeto a ser apreendido é complexo demais para aqueles que ainda não foram iniciados nos processos de formação. Isso vale tanto para a formação profissional como para a formação humanística.

Assim, a dificuldade que o professor superou o faz sentir-se mais capaz e competente e, por outro lado, o faz “desejar” a manutenção de tal dificuldade, caso contrário, sua conquista e tarefa perderiam o valor.

Não defendemos o ponto de vista de Jacotot, nossa intenção é apresentar a opinião de um professor respeitado (no caso Rancière) para podermos dialogar com outras perspectivas.

Jacotot desenvolve a idéia de que a diferença intelectual entre professor e aluno é construída apenas socialmente, e que o professor a aceita, chegando mesmo a desejá-la.

Ele a reproduz, ficando feliz por receber os créditos por executar uma complexa tarefa. No entanto, se a criança é capaz de aprender sozinha suas primeiras palavras, necessitando apenas do ambiente familiar, onde obterá suas primeiras experiências, porque o indivíduo não conseguiria continuar seu aprendizado sem a supervisão de um “mestre explicador”?

“A criança aprende a falar suas primeiras palavras independentemente de um mestre que lhe explique as regras da fala oral”.<sup>36</sup>

Mas, essa mesma criança acaba por ser obrigada a se submeter ao auxílio de seus futuros mestres, inicialmente em seu lar com seus pais, e depois, na escola.

“No entanto, após aprender por si mesma a pronunciar suas primeiras palavras, a criança é obrigada a se submeter aos mestres explicadores. Que a encaram como se ela fosse incapaz de aprender autonomamente.”<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> Idem, p. 23.

Quem atualmente sustentaria a idéia de um aprendizado sem mestre, quem teria fôlego para imaginar esse tempo?

Certamente, não se trata de abandonar a criança ao seu destino e acreditar que ela se formará sozinha, na verdade, para Jacotot, tratar-se-ia muito mais da percepção do potencial do aluno e trabalhar com esse potencial a partir do reconhecimento da igualdade intelectual entre o professor e o aluno.

Não seria, ainda, imaginar aluno e professor como totalmente iguais, mas, acreditar na capacidade de aprendizado que todos nós teríamos, portanto, seríamos iguais na capacidade de aprender.

Para Jacotot o que os diferencia seria a vontade do aluno e a vontade do professor.

Poderíamos fazer a seguinte pergunta para o professor Jacotot: se o que diferencia o aluno do professor é a vontade de cada um, então, não seria justo respeitar a “vontade” do aluno de não aprender determinados assuntos?

Por que na atualidade a educação escolar é um imperativo universal?

Um dos argumentos que poderiam ser utilizados para ratificar a necessidade da educação universal seria a afirmação da capacidade emancipadora da educação, nessa perspectiva o saber liberta.

O saber seria capaz de libertar porque uma vez adquirida, a razão seria capaz de avaliar as circunstâncias e emitir opiniões.

A emancipação a partir do saber e do conhecimento só é possível para aqueles que possuem uma vontade forte.

Na perspectiva de Jacotot, para atingirmos a emancipação de um aluno seria necessário auxiliar o aluno a desenvolver uma “vontade forte”.

No entanto, podemos questioná-lo se uma vontade que foi auxiliada, ou que foi conduzida, pode ser chamada de “vontade forte?”.

---

<sup>37</sup> Idem, p. 23.

“O homem – e a criança, em particular – pode ter necessidade de um mestre, quando sua vontade não é suficientemente forte para colocá-la e mantê-la em seu caminho.”<sup>38</sup>

Talvez, para aqueles que consigam sozinhos superar as dificuldades para apreender um determinado assunto, seja possível relacioná-lo a uma vontade forte.

A perspectiva de Jacotot apresenta algumas dificuldades: o que seria a vontade forte, como ela se estabeleceria, em que condições?

Será possível que ela poderia surgir independentemente de um comando externo? Ou a vontade pode ser fruto de algum estímulo externo que, mesmo que involuntariamente, ativaria o desejo?

Seria lícito pensar em liberdade a partir de uma vontade que foi ativada por um estímulo estranho ao indivíduo?

Não acreditamos nessa possibilidade, toda a experiência humana se dá por meio da interação social, e como tal, todo estímulo será, ainda que não possamos determinar sua origem com facilidade, fruto dessa interação, ou seja, da relação do indivíduo com a sociedade.

O que pode levar um indivíduo a se movimentar mesmo quando todas as condições lhe parecem confortáveis?

Ora, como dissemos, depois da Revolução Francesa a questão da liberdade e da autonomia nunca mais deixou de ser excitada, estamos todos “condenados” a conquistá-la.

Qual seria então nosso problema? Se a autonomia se dá a partir da tomada de consciência e, como dissemos, as informações “importantes” para a formação do indivíduo estão acessíveis nas redes informacionais, como ainda podemos defender a importância da sala de aula e as explicações do professor?

Ser autônomo não seria justamente poder estabelecer sua vontade mesmo que ela vá ao encontro de outras vontades?

Ou será a autonomia o estabelecimento de um autocontrole sobre suas paixões, uma vez que dar vazão à paixão seria justamente estabelecer um ambiente de desarmonia e contenda entre as vontades dos indivíduos?

---

<sup>38</sup> Idem, p. 31.



Com o autodomínio desejamos a igualdade de forças entre os indivíduos acreditando que assim estabeleceremos uma sociedade mais pacificada e mais justa.

Por trás disso, ainda que não seja dito diretamente, está a exposição de nossa fraqueza, do nosso desejo de não combater de não nos desgastarmos em disputas que poriam nossas vontades diretamente em contenda com a vontade do próximo:

“A igualdade, um certo assemelhamento real que acha expressão apenas na teoria de ‘direitos iguais’, é essencialmente própria do declínio”.<sup>39</sup>

O conceito de vontade forte, proposta por Jacotot, está relacionado, assim nos parece, ao reconhecimento do livre arbítrio.

Querendo-se, podemos aprender, é uma questão de escolha individual.

A questão é saber se realmente temos a possibilidade de conduzirmos nossos instintos para um determinado comportamento.

A vontade forte só pode existir se também existir um sujeito consciente, um sujeito capaz de observar a realidade à sua volta, analisá-la e agir sobre ela.

É a partir dessa crença que podemos entender toda a perspectiva da educação escolar que investe na mudança tanto do comportamento humano como também da realidade social do indivíduo.

A emancipação proposta por Jacotot seria fruto da tomada de consciência de um sujeito capaz de analisar e agir a partir das conclusões de sua análise.

A dificuldade inicial do “sujeito” e da sua vontade forte está, justamente, no seu autodesconhecimento, ele precisa inicialmente ser alertado de que se encontra aquém da sua capacidade intelectual.

Nessa perspectiva, mesmo que um indivíduo esteja, aparentemente, satisfeito com a sua condição existencial, ele precisará ser estimulado a questionar-se e a pôr à prova sua satisfação. Assim, sua vontade poderá começar a agir e a se autodeterminar.

---

<sup>39</sup> Nietzsche, 1998a, p. 87.

É preciso submeter o indivíduo aos processos educacionais para que ele possa “realmente” adquirir as condições necessárias para uma análise mais “profunda” da sua condição social e individual.

Antes disso, esse indivíduo e sua vontade ainda não são fortes o suficiente e, na verdade, serão considerados alienados, alheios a todas as possibilidades que uma sociedade baseada na capacidade racional é capaz de oferecer.

No entanto, para Nietzsche a liberdade da vontade só pode existir: “em virtude dos sedutores erros da linguagem, a qual todo o efeito está condicionado por uma causa eficiente, por um ‘sujeito’”.<sup>40</sup>

A crença na vontade forte e no livre arbítrio é um erro antigo que tem implicações terríveis sobre o sentimento de culpa do indivíduo. É por acreditar na sua capacidade de agir livremente que o indivíduo se culpa por qualquer possível “Erro”.

Na nossa perspectiva a vontade seria a representação de uma força que não pode ser considerada positiva ou negativamente por si mesma, ela será sempre avaliada a partir de valores morais já existentes na sociedade.

A partir de uma perspectiva nietzschiana, a vontade é o resultado de um organismo que pode estar procurando a expansão e o crescimento, sendo, portanto, uma força vital afirmadora da vida. Ou como a expressão de um organismo enfraquecido e incapaz de combater com outros a fim de expandir-se.

Um ser enfraquecido desejará a paz social porque se sabe incapaz de lutar por sua expansão. Ele preferirá abrir mão de seus desejos para manter-se vivo.

A “vontade fraca” seria a expressão, usando a linguagem de Nietzsche, de um ser decadente.

Daí o desejo de igualdade e pacificação social, sob a perspectiva nietzschiana representar, justamente, a expressão da fraqueza do indivíduo e da nossa sociedade. Ela representa a diminuição do potencial criativo, que aqui será relacionado à vontade de crescimento de um indivíduo forte.

O desejo de que sejamos todos iguais e que, portanto, todos devemos respeitar a vontade do próximo, representa a incapacidade que um indivíduo tem de

---

<sup>40</sup> Idem, 1998c, 17.

superar as dificuldades que os demais indivíduos representam para o seu crescimento.

Portanto, não há liberdade de escolha, o indivíduo que possui uma vontade fraca, não poderá comportar-se de outra maneira.

### 2.3 Vontade sobre a má vontade

“Esses professores de moral que recomendam ao homem em primeiro lugar e acima de tudo que se domine, dão-lhe assim uma singular doença: quero dizer, uma irritabilidade constante diante de todos os impulsos e de todas as inclinações naturais e, de algum modo, uma espécie de comichão. Seja o que for que lhe aconteça dentro ou fora, um pensamento, uma atração, uma incitação – esse homem irritadiço sempre imagina que agora seu domínio sobre si poderia estar em perigo: sem poder confiar em nenhum instinto, se entregar a nenhum vôo livre, está sempre na defensiva, armado contra si mesmo, como o olhar atento e desconfiado, ele que se instituiu o eterno guardião de sua torre”.<sup>41</sup>

Não temos a pretensão de desenvolver uma teoria que dê conta de uma formação humana capaz de gerar um indivíduo “livre”, que confraternize pacificamente com seus semelhantes e, assim, criando um ambiente social mais justo. Ao contrário, afirmamos a impossibilidade de qualquer projeto deste tipo.

Também não defendemos a fomentação de um indivíduo que possa liberar toda a energia de seus instintos que poderiam gerar processos criativos.

Acreditamos que os instintos sejam a força vital que possui em si as condições de “surgimento” de um potencial de criação. Sendo uma energia potencial ela poderá resultar em ação ou não.

Por outro lado, os instintos também possuem o potencial de destruição do indivíduo. As duas forças coexistem no indivíduo.

Se acreditamos na possibilidade de novas formas de viver é porque não estamos satisfeitos com a maneira como a sociedade capitalista submete a subjetividade humana a um permanente estado de miséria, permitindo e incentivando apenas a criação de bens materiais e imateriais para o consumo e para o acúmulo de capital.

---

<sup>41</sup> Idem, 1974b, p. 179.

Para romper com a ordem estabelecida o indivíduo precisará de muita energia, pois, ele certamente será confrontado com resistências capazes de barrar sua iniciativa.

A criação do novo pressupõe a destruição ou modificação do velho. E como já descrevemos, um organismo fraco procurará manter-se vivo e para isso resistirá o quanto puder.

Esse é o comportamento de todos os que estão satisfeitos com as condições sociais oferecidas pela sociedade capitalista. É claro que muitas pessoas tiram proveito das oportunidades que o sistema oferece para o acúmulo de capital. Mas, sempre haverá aqueles que estarão descontentes.

No entanto, também é verdade que a liberação dos instintos pode acarretar a destruição do indivíduo.

Não será excluindo todas as paixões que iremos criar uma sociedade melhor e mais justa, a extirpação de todas as paixões só pode ser recomendada para os fracos e incapazes de medir as conseqüências das suas ações.

Para um indivíduo cheio de energia, o primeiro combate deverá ser contra si mesmo, terá que ser a luta contra tudo aquilo que poderia “rebaixá-lo”.

Não se trata da luta entre uma razão transcendente e os instintos e paixões do indivíduo. Entendemos a razão como mais um dos instintos humanos e como tal totalmente imanente ao corpo e ao indivíduo.

A educação escolar é um dos locais onde se procura exercer mecanismos de controle dos instintos e das paixões.

Ela propõe ao indivíduo a consciência cidadã. Através do aprendizado das leis e das ordens que a sociedade impõe para um tranqüilo convívio social.

O bom cidadão é autônomo porque é capaz de cumprir com as suas obrigações e sabe o local e o momento de “cobrar” seus direitos, mantendo a ordem e a estabilidade social.

Ser cidadão poderia ser encarado de forma positiva não fosse a passividade frente às imposições sociais do capitalismo. Manter-se atento ao trabalho, ao objetivo de acumular dinheiro e viver pacificamente com os seus semelhantes, mesmo que isso sufoque sua capacidade de criação.

Fazemos a crítica da educação apenas por entendermos que ela auxilia diretamente na formação de seres dóceis.

Mas, também reconhecemos o potencial criativo dela. A sensação que acompanha toda nova descoberta intelectual é muito poderosa.

O ambiente de combate e de troca de idéias na academia também favorece às novas experiências e ao surgimento de novas perspectivas.

Por outro lado, a educação também possui pontos negativos e uma dos mais evidentes é a sua característica de barrar as opiniões que não fazem parte do saber acadêmico. Essa característica foi muito bem aproveitada pela sociedade capitalista ao instituir a especialização daquele que pode falar.

Os indivíduos que não fazem parte da academia são encarados como ignorantes e desprovidos de conhecimento capaz de produzir uma “hipótese” consistente, sendo enquadrada como uma mera opinião.

A especialização facilita o trabalho do estado de manter sob vigilância as “novas idéias” que poderiam colaborar para a sua destruição ou prejuízo.

Quando avaliamos o indivíduo pela perspectiva nietzschiana, percebemos que ele possui as duas características: a criativa e a autodestrutiva.

A realização da síntese dessas duas características seria o desejo daqueles que acreditam na capacidade da razão humana em se sobrepôr aos desvarios dos instintos.

Nessa perspectiva, a pretensão seria a criação de um indivíduo consciente, capaz de liberar seu potencial criativo e mantendo sob controle seus desejos mais agressivos, passando a viver num período de paixão contida e criatividade calculada.

Não acreditamos nessa hipótese, não há como conciliar tais energias e paixões.

A princípio o indivíduo que deseja poderá sempre estar pondo sua segurança em risco. E o indivíduo civilizado terá sempre sobre si o peso do autocontrole.

Por isso, mediante a nossa perspectiva de que a razão também é um instinto, entendemos que os instintos apaixonados podem nos levar à destruição. Por outro

lado, o excesso de instinto racional causaria a diminuição das nossas forças vitais, tornando-nos moderados demais.

Pode ser que o instinto racional tenha servido para a manutenção e ampliação da espécie humana, pois o homem não tem armas apropriadas para sobreviver frente aos nossos maiores predadores.

Existem teorias que afirmam que o desenvolvimento da nossa capacidade de raciocinar se deu como alternativa para a nossa falta de adequação para a sobrevivência em ambientes mais hostis.

Mas, se o racionalismo serviu para preservar os indivíduos que não poderiam subsistir diante de uma disputa de forças contra os “bárbaros”, ele também enfraqueceu a força que a espécie possuía para superar as necessidades mais rústicas. Ficamos mais preguiçosos.

A energia que antes era usada para levar os homens às aventuras mais excitantes e criadoras, hoje é gasta para manter o homem sob uma rígida exigência de trabalho.

De alguma forma, a sociedade capitalista acabou conseguindo transferir a dignidade que possuíam os grandes navegadores e desbravadores de novas terras, para a dignidade de quem trabalha intensamente.

Na verdade, o homem precisou ser “domesticado” para que pudesse ser submetido a uma infinidade de horas de trabalho, onde toda a sua energia é gasta num processo de produção material, aplicando-se a trabalhos em que na maioria das vezes ganha apenas o suficiente para uma existência cheia de privações.

O mais incrível é que, justamente, ele que agora canaliza sua energia para a produção material, acaba por ter que conviver com uma fatia mínima de toda a produção material.

Mesmo assim ele precisa conviver insistentemente com comerciais de produtos da indústria humana que dificilmente poderá possuir.

São carros, motos, iates, mansões e lindas mulheres associadas à posse desses bens que não poderão fazer parte da vida de um trabalhador-cidadão comum.

Mais energia precisará ser gasta para que o trabalhador-cidadão mantenha-se controlado diante de mais essa privação. Ele que precisa estar atento para não cair em “tentação” agora observa, de longe, aquilo que se dedicou para produzir e não poderá consumir.

Não se trata apenas da questão de afirmar que um indivíduo que não tenha sobre si uma autosupervisão terá todas as condições de gerar um processo criativo.

Acreditamos realmente que instinto seja potência, seja, possibilidade de criação e que também possui a potência autodestruição.

Temos como exemplo do potencial da utilização do potencial da paixão e do instinto as obras de artes dos grandes artistas. Grande parte das maiores realizações humanas foi fruto da paixão.

No entanto, quando surgem novas maneiras de pensar e criar na sociedade, elas são encaradas como subversivas e são vistas como ameaças ao que está estabelecido.

Só precisamos olhar e veremos grandes feitos humanos que, no período em que foram pensados geraram grande desconfiança. Poderíamos afirmar que seus autores, quase sempre foram chamados de loucos ou subversivos.

Nossa necessidade de racionalizar tudo acaba por nos levar a discriminar toda iniciativa que questione o que está estabelecido.

Este é, sem dúvida, um dos grandes paradoxos da educação escolar, ela aparentemente deseja a formação do indivíduo criativo, mas, ao mesmo tempo tem muita dificuldade de aceitar as novidades, as novas maneiras de pensar.

Seria mais adequado pensar que a educação deseja a “criatividade” dentro daquilo que já existe, dentro do que já conhecemos e somos capazes de reconhecer racionalmente. Em outras palavras, ela não lida muito bem com o novo.

É verdade que a educação escolar não existe separadamente do indivíduo, ela é o resultado das forças instintivas dos indivíduos a ela associados.

E é justamente aí que Roberto Machado, citando Nietzsche, nos dá uma grande colaboração para entendermos as dificuldades encontradas tanto para a aceitação do novo como também para o seu surgimento. É o estado de saúde de um indivíduo que determina sua forma de ver, pensar e agir na vida:

“Como sintomas da constituição viável ou falha do corpo, de sua abundância e de sua potência vitais, de sua soberania na história ou, ao contrário, de suas indisposições, de seu esgotamento, de seu empobrecimento, de seu pressentimento do fim, de sua vontade de acabar”<sup>42</sup>.

Nesse sentido, não temos, exatamente, liberdade para agir dessa ou daquela maneira, nossa fisiologia determina nossos desejos e ações.

Expandir-se é uma necessidade, um imperativo para aqueles cuja saúde exige crescimento.

A expansão do indivíduo não passa, certamente, pela exigência de uma instituição, ou mesmo de uma forma determinada de sociedade.

Para nós, a educação escolar seria uma oportunidade para o crescimento daqueles que possam, mesmo sem saber, ter saúde suficiente para desejar o crescimento.

A escola poderá fornecer novas experiências para o indivíduo, que ao tomar conhecimento, sentir-se-á motivado ou não a procurar novas formas de viver.

## 2.4 A ilusão que embeleza a vida

“O conhecimento mata o agir, o agir requer que se esteja envolto no véu da ilusão”.<sup>43</sup>

Se não há uma verdade a ser descoberta, para que precisaríamos continuar estudando?

Pensamento como esse poderá sobrevir àquele que de alguma maneira aprendeu a questionar a capacidade humana de alcançar uma verdade e passou a acreditar que toda nossa crença fundamenta-se em perspectivas.

O sentimento de desamparo poderá abater-se sobre esses indivíduos que chegaram de alguma forma a essa conclusão.

---

<sup>42</sup> Machado, 1999, p. 55.

<sup>43</sup> Nietzsche, 1974e, p. 17.



Ou seja, o pensamento de que não vale apenas percorrer novos caminhos uma vez que não há um porto seguro onde ancorar.

A possibilidade de paralisação de toda vontade e o desejo de permanecer imóvel podem diminuir a capacidade criativa do indivíduo.

Nietzsche faz a crítica ao pensamento a que chegam as “almas cansadas” que ao “compreender” a precariedade de todo conhecimento, acabam por gerar a respeito dele uma má vontade, capaz bloquear a iniciativa de qualquer espécie que se voltaria para a construção de novos conhecimentos.

O problema dessa forma de pensar estaria, justamente, em não observar o valor que poderia existir em uma postura de desconfiança diante de cada “verdade”.

Esse valor estaria na infinita abertura para novas “verdades” e, com isso, novas formas de sentir e também desejar. Essa força vital mobilizaria o indivíduo à mudança, essa força é denominada “força-invenção” pela professora Suely Rolnik.

No entanto, na atualidade estaríamos passando por um período de excitação da força de criação que incitaria as pessoas a se manterem em constante mudança.

Uma série de discursos incentiva as pessoas a se manterem atualizadas e dispostas a mudar suas opiniões e comportamentos a partir de necessidades criadas por uma sociedade baseada na produção e consumo.

Nessa sociedade as relações interpessoais expandiram-se de tal maneira que temos a impressão de estarmos vinculados uns aos outros nas mais longínquas regiões. A sensação de interdependência foi ampliada pela massificação da internet e pelo aumento do acesso aos meios de comunicação como o celular e a televisão.

Graças aos avanços dos meios de comunicação podemos observar a realidade social de dentro dos nossos lares, mesmo nos locais mais distantes, quase em tempo real.

Apesar da distância e das aparentes diferenças existentes entre nossas culturas, sentimo-nos solidários ou contrariados em relação ao que “entendemos” como as injustiças cometidas por outras culturas.

Aparentemente estaríamos em um período propício para as mudanças. A criação do novo é incentivada de maneira tal que temos a impressão de sermos incapazes de acompanhá-las na velocidade que elas ocorrem: “Isso

acelera o processo de engendramento de novas formas e encurta o prazo de validade das formas em uso as quais tornam-se obsoletas antes mesmo que se tenha tido tempo de absorvê-las”.<sup>44</sup>

Sentimo-nos constantemente ultrapassados e obsoletos. O desconforto causado pela impossibilidade de nos mantermos atualizados poderia liberar a energia da “força-invenção”, pois a sociedade aparentemente apóia o surgimento do novo e valorizaria aqueles que se adaptassem à velocidade das mudanças.

Esse poderia ser o valor do nosso tempo, ser capaz de suscitar um desconforto no indivíduo capaz de tirá-lo do marasmo que pode ser a sua vida.

A criação do novo pressupõe a aniquilação do antigo e como Nietzsche afirma, para que um novo homem nasça é preciso que o velho homem seja desprezado.

Acreditamos que o homem, assim como a humanidade só se movimenta a partir de uma necessidade, de um desconforto e nesse sentido, nossa sociedade é frutífera, ela nos coloca em constante contato com a necessidade de mudança, como afirma Rolnik:

“A conseqüência é que se vive constantemente em estado de tensão, à beira da exasperação, o que atíça e fomenta a força-invenção”.<sup>45</sup>

Muitos dos indivíduos que se encontram em contato com os meios de comunicação atuais acabam por sentir-se provocados a procurar constante atualização, o que poderia ser positivo. Mas se observarmos atentamente e nos demorarmos um pouco mais sobre essa perspectiva, percebermos a armadilha escondida por trás da aparente necessidade de mudança.

Nossa sociedade parece especializada em bloquear todos os processos produtivos dos indivíduos que poderiam colocá-la em dificuldade, todo questionamento que poderia colocá-la em cheque.

As iniciativas que o sistema capitalista considera benéficas para suas intenções são aprovadas e incentivadas.

---

<sup>44</sup> Rolnik, 2002, 1. Publicado in Cocco, Giuseppe (org.). *O trabalho da multidão: Império e Resistência* vida na Berlinda. Editora Griphus, RJ, 2002; pp.109-120 e in *Trópico. Idéias de Norte a Sul*. 25/07/2002 <http://www.uol.com.br/tropico/>

<sup>45</sup> Idem, p. 1.

Entendemos que o sistema capitalista está sempre procurando a acumulação de mais-valia, e como tal, procura enquadrar todas as novidades ao seu elenco de mercadorias vendáveis.

Neste sentido, mesmo as novidades que poderiam ser entendidas como perigosas podem ser aceitas desde que consigam produzir e vender um produto. É impressionante a maneira como o Capital agrega as novas formas de viver:

“A força-invenção turbinada, o capital, a captura a serviço da criação de esferas de mercado”.<sup>46</sup>

Para o Capital toda invenção precisa ter um preço, precisa tornar-se mercadoria.

Não é difícil compreender que as novas maneiras de sentir e viver a vida que não se enquadram na categoria de mercadoria não terão um futuro promissor, ou terão que lutar muito mais para poder manter-se.

Como afirmamos anteriormente, o capitalismo produz seus beneficiários a um determinado custo, e também os seus excluídos, ou seja, os incapazes de comprar as mercadorias necessárias para o seu bem-estar acabam por se sentir marginalizados.

A pressão exercida sobre aqueles que procuram manter-se dentro do mercado dos atualizados é enorme, a possibilidade de não conseguir atualizar-se com a velocidade exigida pelo sistema é grande.

“(…) do lado de fora, a abjeção das subjetividades-lixo em seus cenários de horror feitos de guerra, favela, tráfico, seqüestro, fila de hospital, crianças desnutridas, gente sem teto, sem terra, sem papel – *boat people* vagando no limbo sem lugar onde ancorar”.<sup>47</sup>

A pressão é exercida tanto sobre aqueles que hoje estão incluídos no sistema, que sofrem com o medo de deixar de fazer parte dos inclusos e também sobre aqueles que se encontram fora.

As próprias privações a que estão submetidos os excluídos já seriam suficientes para exercer sobre os menos privilegiados a coação necessária para

---

<sup>46</sup> Idem, p. 1.

<sup>47</sup> Idem, p. 3.

incentivar-lhes a buscar a conquista dos benefícios sociais daqueles que conseguiram chegar a um nível desejável de consumo.

O sistema capitalista consegue colocar a culpa pela miséria vivida sobre o próprio miserável, fazendo-o entender que todas as possibilidades são dadas e que, portanto, a responsabilidade é do próprio indivíduo.

O Estado cobra impostos com a finalidade de criar o bem-estar capaz de satisfazer seus cidadãos e para manter sua máquina operando. No entanto, esse mesmo Estado consegue inverter essa lógica e responsabilizar o indivíduo pela “sua incapacidade” de viver bem.

A versão atual do capitalismo, que foi varrida recentemente por uma crise de grandes proporções, tem como critério o mínimo de influência do Estado nas atividades do Mercado, assim, facilitava a falta de investimento em infraestrutura social, escolas, hospitais e moradia, as últimas preocupações de uma sociedade completamente voltada para a produção e o acúmulo de capital.

Daí a culpabilização do indivíduo que não é capaz de alcançar a felicidade obtida por meio do consumo.

Não podemos negar a versatilidade da nossa sociedade em produzir desejo.

Mas qual seria o da inquietação do indivíduo quando a analisamos em relação à questão existencial? Nossa perspectiva avalia o valor de um desejo por conta daquilo que ele pode promover para o crescimento do indivíduo.

Porém essa força que impulsiona o indivíduo à criatividade em nossos dias não pode ser confundida com a força que impulsionaria o indivíduo para o crescimento de si mesmo.

Pensando em Nietzsche e com Nietzsche, a força vital que faria um indivíduo crescer o prepararia para o “combate”, para a luta contra os pequenos desejos produzidos pelo marketing social e contra si mesmo, aliás, essa deverá ser a primeira batalha, a luta silenciosa pelo reconhecimento de si mesmo.

Certamente não se trataria da busca da “tranquilidade” que o dinheiro poderia trazer, ao contrário, o crescimento traria consigo a dor da destruição daquilo que fica para trás. Todo renascer requer uma nova morte, ao fazer, deixamos diria Nietzsche,

a vontade criadora, ou a força-criação citada por Rolnik, que não é exatamente uma força apaziguadora:

“[...] deverá ser a vontade de potência encarnada, quererá crescer, se estender, atrair, chegar à preponderância – não por um motivo moral ou imoral, mas porque vive e a vida é precisamente vontade de potência”.<sup>48</sup>

Nosso estágio social apesar da sua capacidade de produzir desejos, não consegue estabelecer completamente o controle sobre o desejo produzido.

“Se o capitalismo contemporâneo atçou a força-invenção para fazê-la trabalhar a serviço da acumulação, ele também produziu em seu avesso a mobilização dessa força no conjunto da vida social, criando as condições para um poder de afirmação da vida como potência de variação sem medida de comparação com outros períodos da história – uma ambigüidade constitutiva do capitalismo contemporâneo, seu ponto vulnerável”.<sup>49</sup>

Neste ponto é preciso que se diga: nossa forma de pensar não tem como intenção ou pré-suposição a igualdade dos indivíduos, a luta e a procura por si mesmo será sempre a maneira de ser de um indivíduo combatente.

Para esse indivíduo a maneira de ser na nossa sociedade poderia ser encarada como a necessidade que teria o equilibrista na corda bamba de reequilibrar-se a cada passo, como descrito por Nietzsche: “Estava ele, justamente, na metade de seu percurso, quando a pequena porta abriu-se de novo e um tipo, todo sarapintado a modo de palhaço, saiu por ela pulando e, em passos rápidos foi atrás do primeiro (...) Que fazes aqui, entre as torres? Dentro da torre é teu lugar!”.<sup>50</sup>

O desequilíbrio causado por cada passo na corda bamba que é a vida pode gerar a força necessária para um novo reequilibrar-se. Nunca será com passos seguros e fáceis que poderá um indivíduo crescer da maneira que acreditamos e que concordamos com Nietzsche, assim a conversa entre o equilibrista e Zarathustra após sua queda representa o valor do cambaleante aprendiz: “– ‘não sou mais do que um bicho, que ensinaram a dançar à força de pancadas e pouca comida’. – ‘Oh,

---

<sup>48</sup> Nietzsche, 1974a, p. 185.

<sup>49</sup> Rolnik, 2002, p. 5.

<sup>50</sup> Nietzsche, 1998b, 43.

não’, retrucou Zaratustra; ‘fizeste do perigo o teu ofício, nada há nisso de desprezível’”.<sup>51</sup>

Nosso sistema, apesar da desestabilização que estabelece, procura manter sob controle a formação dos desejos e, portanto, a formação do indivíduo, por isso, todo aquele que sai de sua torre, ou seja, todo aquele que procura por novos caminhos acaba por ser enquadrado e posto à margem dos benefícios do sistema.

Por isso é perigoso procurar novas torres, mas, como afirma Zaratustra, fazer do perigo sua profissão não é pouca coisa!

## 2.5 Do belo conhecimento

A “beleza” no ato de educar está em criarmos uma imagem agradável para aquilo que poderia ser pouco atraente. Essa aparência (Nietzsche) agradável, para alguns, é o que de alguma forma nos leva a desejar o saber e a sabedoria.

Mais do que desejar o saber é fazer desse saber nossa fonte de prazer e crescimento. A educação, por si mesma, não tem valor, nós imprimimos esse valor. Nós individualmente, quando nos sentimos capazes e inteligentes por termos atingido uma sabedoria, ou a consciência de alguma coisa, ou ainda quando acreditamos ter tirado de nossos olhos as “escamas” que encobriam nossa visão e nos mantinham na ignorância.

Ser sábio em nossa sociedade provoca uma satisfação que só pode ser atingida raramente por outros meios. E esse sentimento é muito intenso.

É claro que nem todos sentirão o mesmo prazer e com a mesma intensidade, daí a necessidade da criação de uma ilusão.

Todas as qualidades acima citadas e que estão vinculadas ao saber e a educação são absolutamente arbitrarias, somos nós que imprimimos a busca do saber acadêmico um valor maior do que, por exemplo, à vida “despreocupada” no campo.

---

<sup>51</sup> Idem, p. 43.

Essas qualidades são importantes para nós porque também são aceitas e invejadas pelos outros indivíduos. O intelectual é invejado mesmo que sua inteligência não contribua, na prática, para a melhoria do cotidiano dos outros indivíduos. E é questionável se realmente deveria sê-lo.

Mas, aquele que supera as dificuldades e consegue o status de intelectual na sociedade do saber precisa ser reconhecido e admirado, mesmo que na atualidade a inteligência esteja em baixa, perdendo de certa maneira a disputa pelo reconhecimento.

Hoje esportistas e artistas são mais admirados do que os intelectuais. Pode ser que seja pelo sucesso financeiro daqueles, em relação a esses, mas, pode ser também, pelo suposto fracasso da sociedade intelectualizada que ainda não cumpriu sua promessa e tem acentuado aquilo que prometeu combater.

Essa última perspectiva seria cabível a partir do ponto de vista de intelectuais que estariam “criticando” aos seus colegas intelectuais.

Acreditamos que a maioria das pessoas estabelece um valor maior entre ganhos financeiros e prazer do que crescimento intelectual e prazer.

No entanto, a busca do conhecimento ainda tem o seu valor.

Ele se mantém em importância porque para uma sociedade onde a razão e a consciência são tão importantes, o intelectual ainda se apresenta como uma figura relevante.

Quando enfrentamos uma sala de aula, cansados até a alma, após um dia de trabalho e ainda somos capazes de produzir textos, emitir opiniões (juízos de valor) e nos sentimos exultantes quando recebemos um elogio de um amigo ou de um professor, aí está a beleza, aí está o valor da aparência.

A beleza está em atribuímos um valor a nós mesmos, quando nos reconhecemos capazes e competentes. Ela existe também quando atribuímos valor aos nossos avaliadores, quando na verdade esse valor foi por nós inventado e aceito.

Ela é apenas, uma maneira de nos enganarmos para podermos continuar “vivendo bem” em uma sociedade que exige a busca do conhecimento, nesse caso,

a ilusão cria uma “força reativa” (Nietzsche) que nos mantém “vivos”, nos impede de morrermos intelectualmente.

A “verdadeira” vontade de potência (Nietzsche) é uma vontade ativa, em oposição à vontade reativa citada acima. A reatividade é a tentativa de um organismo decadente em manter-se vivo. A vontade de potência é a expressão de um organismo em crescimento.

É preciso que se diga, talvez exagerando um pouco, que a nossa sociedade acaba por rotular o analfabeto como um “aleijado social”, ele será discriminado e terá vergonha da sua condição.

Para aqueles que lançam suas velas aos mares mais distantes e bravios, e que sem medo das intempéries continuam sua viagem, a busca pelo conhecimento tem o seu valor.

Ele seguirá sua viagem até que em algum momento, como dissemos, ele se deterá, acreditando ter chegado ao porto desejado, ou simplesmente, por não ter mais fôlego para continuar sua navegação.

A glória, o mérito e o reconhecimento acadêmico têm, justamente, esse valor, encobrir, disfarçar o despropósito e a “negatividade” que os estudos poderiam representar.

Se a educação serve à formação do homem, a educação profissionalizante seria uma forma reduzida dessa formação.

Essa maneira de formar homens acaba por selecionar e direcionar cada indivíduo para uma determinada profissão. Nós acreditamos numa formação mais ampla, não no sentido de que uma educação mais humanista garanta a formação de um homem ideal (ele não existe), não acreditamos e não desejamos um ideal. Mas, acreditamos na capacidade que a educação escolar tem de servir como um grande campo para experiências.

A educação escolar pode servir de janela para novos horizontes, o que não garante nem uma boa formação, nem a criação de um homem melhor. Mas, pode ser o mote que nos leve ao movimento, a um novo caminhar ou a um devir.

Seja qual for o objetivo ou o programa, o resultado de uma formação humana será sempre um devir, uma grande incógnita.



É essa impossibilidade de estabelecer um modelo capaz de produzir um determinado homem que tem nos salvado dos projetos fascistas que procuraram até hoje a modelização humana. Isso acontece porque não somos capazes de nos sujeitar completamente aos imperativos apaziguadores da sociedade.

Ainda somos essa “multiplicidade” de indivíduos, incapazes de desejarmos todos exatamente os mesmos desejos.

O grande sonho inaudito de todos os ditadores que acreditam ter o modelo ideal de homens em suas cabeças seria ter em suas mãos todos os processos formadores da espécie humana.

É assim que para nos mantermos em movimento precisamos dar cores e luzes para a educação escolar, fantasiar que através dela ultrapassaremos todas as mazelas causadas pelo desconhecimento e pela ignorância.

Há, aparentemente, duas correntes movimentando-se em torno da educação, uma que cria sobre ela uma aura de necessidade e que acaba por impor um “pesado peso” (Nietzsche) sobre aqueles que a ela se dedicam.

Para aqueles que estão sob o jugo da obrigação de aprender é imposto um sentimento de incapacidade e de culpa quando não se consegue chegar a uma formação ideal, culpa se os alunos e os professores.

A outra corrente seria aquela que levaria em conta a educação como mais um meio de aquisição de experiências, mais uma maneira de o indivíduo tomar contato com o desconhecido, escrito nietzschianamente: “uma flecha lançada ao futuro”.

É explorando o novo que o indivíduo pode expandir-se, o que não tem nenhuma conotação de melhoria, de progresso ou de evolução.

Esses conceitos atualmente estão diretamente associados aos benefícios materiais e financeiros que um indivíduo pode ter.

No caso do contato com o novo citado acima, o que poderá ocorrer será uma maior possibilidade do indivíduo visualizar novas maneiras de ver e sentir a vida, não necessariamente para melhor.

“E aquilo a que chamais mundo, é preciso, primeiro, que seja criado por vós: é isto o que a vossa razão, a vossa imagem, a vossa vontade, o vosso amor devem tornar-se!”<sup>52</sup>

Nossa vontade deve ser criadora ela deverá buscar novas paisagens e novas maneiras de interpretar a vida.

É preciso que ela nos dê novas imagens para as figuras que ficaram desbotadas pelo tempo, pela estagnação e paralisia da própria vontade.

Estar na escola e procurar por meio dela as respostas definitivas pelas questões que lhe aflige demonstram, também, o cansaço do combatente.

A busca da verdade incontestável representa o desejo de uma razão cansada e enfraquecida que não tem mais o vigor para combater a incerteza do que poderá vir a sua frente, no seu futuro.

“Para longe de Deus e dos deuses, atraiu-me essa vontade; que haveria para criar – se houvessem deuses!”<sup>53</sup>

O que haveria para criar se todas as verdades já houvessem sido descobertas? O que haveria para se desejar se todas as respostas já estivessem dadas?

Quem consegue respirar o ar destas questões? Quem desejaria a incerteza como companheira e motivadora?

Quem poderia desejar tamanha insegurança?

Apenas aqueles que por momentos perceberam a potência do que há no desconhecido, a potência no que há para ser descoberto e no que há para ser criado.

Não nos enganemos, não se trata de maneira alguma de buscar uma essência ou uma verdade, é criar suas próprias verdades.

Mas, olhando mais cuidadosamente, poderemos perceber que para o homem conhecer a essência das coisas não lhe foi dado os meios, todos os nossos sentidos contribuem para que nos enganemos, para que não tenhamos contato com a verdade.

---

<sup>52</sup> Idem, p. 114.

<sup>53</sup> Idem, p. 116.

### **3 DA RIGIDEZ DA IDENTIDADE A FLUIDEZ DA SUBJETIVIDADE.**

#### **3.1 A reapropriação da subjetividade**

A padronização dos comportamentos faz parte do sonho humano de criar a sociedade ideal onde todos poderão conviver em paz com os seus semelhantes.

Graças a esse sonho, toda nova maneira de pensar acaba por ser enquadrada como subversiva.

Todo indivíduo que a partir do seu descontentamento passa a questionar a sua realidade social e a pôr em prática ações que demonstrem seu descontentamento, é rotulado como marginal ou revolucionário.

No entanto, caso as novas idéias consigam resistir e manter-se por um determinado tempo, começando a recrutar novos adeptos, o sistema capitalista criará uma maneira de se apropriar dessa nova iniciativa, procurando obter lucro da nova maneira de pensar.

Olhando-se de uma certa distância, é possível ver que a todo instante surgem novas formas de desejar, de querer ser diferente daquilo que foi prescrito para a nossa vida.

Mesmo que existam imposições mercadológicas, políticas e sociais, as pessoas sempre surpreenderão ao viverem e sentirem a seu modo e talvez não haja outra maneira de se viver.

Vive-se sempre a seu modo, mesmo que aparentemente estejamos influenciados pelas produções de subjetividades sociais serializadas, em última instância, ninguém pode desejar por nós, ninguém pode deixar de sentir individualmente.

Por isso é tão difícil analisar as influências externas que produzem desejo, pois teremos sempre a impressão de que o surgimento de um novo desejo será fruto da nossa vontade.

Nem por isso deixa de ser possível criar meios e mercadorias que nos chamem a atenção e acabem se tornando objeto do nosso desejo. Nenhum

comercial de carros ou outros bens nos impõe a sua compra, eles apenas nos apresentam seus produtos e aproveitam-se da nossa aparente predisposição ao consumo de bens materiais.

Poderíamos enumerar uma série de movimentos que, de início, pareceriam completamente livres das modelizações convencionais:

“Tudo leva a crer que a criação individual e coletiva se encontraria em alta, pois muitas são as cartografias de forças que pedem novas maneiras de viver, numerosos os recursos para criá-las e incontáveis os mundos possíveis”.<sup>54</sup>

No entanto, logo após tornarem-se aceitas por um determinado grupo de pessoas essas novas maneiras de viver (novas identidades) acabam por incorporarem-se ao sistema, deixando de ser novidade, tornando-se mais um dos padrões sociais.

O incentivo à produção do novo, promovido pelo sistema social capitalista, não tem nada a ver com os processos criadores pensado por Nietzsche.

O capitalismo incentiva a produção de novas mercadorias, e nós pensamos em produção de novas maneiras de sentir e viver.

Tratando-se da escola e daqueles que fazem parte dela, haverá sempre o incentivo para que o indivíduo procure a sua autonomia.

Graças a essa campanha acabamos por procurar os meios de nos tornar “livres”. Gostaríamos de poder mudar nossa realidade a qualquer momento.

Esse fenômeno faz parte da justificativa da importância da educação escolar como forma de alcançarmos nossa autonomia. A crença nessa possibilidade é um dos fatores que mantém sempre atual o discurso educacional.

No entanto, sabemos que os ensinamentos da escola nos tornam cada vez mais escravos das nossas responsabilidades.

A escola, por sua vez, investe no discurso da possibilidade de nos libertarmos por meio da escrita e da leitura.

É claro que em uma sociedade onde a busca pela consciência prevalece, ler e escrever faz parte do processo inclusivo.

---

<sup>54</sup> Rolnik, 2002, p. 1.

Não saber ler e escrever na nossa sociedade representa a morte social.

Mas, não será apenas aprendendo a ler e a escrever que passaremos a ser “livres pensadores”.

Ao contrário, na maioria das vezes, será por meio da leitura e da escrita que tomamos contato com as Leis e Ordens sociais.

Todo bom cidadão terá que aprender a ler e a escrever, e não é sem motivo que a maioria de nossas leis são outorgadas.

Aprendendo a ler e a escrever poderemos adquirir conhecimentos e esclarecimentos que nos libertariam da dependência que a ignorância nos impõe.

É verdade que a leitura nos traz novas perspectivas. Mas também é verdade que existem outras maneiras de tomarmos contato com novas experiências.

Todo texto possui ordens e recomendações, mesmo que indiretamente e toda escrita possui uma moral, uma maneira de ver o mundo.

Todo autor procura reproduzir a sua maneira de pensar, mesmo que ele não confesse, mas, esse fato por si só não é um grande problema. O maior problema será encarar qualquer forma de pensar como a derradeira.

Sendo assim, toda leitura possui um cânone, uma diretriz que proporia uma determinada maneira de agir.

Caberá a cada indivíduo utilizar o texto alheio em seu proveito. Segundo Gilles Deleuze, toda teoria pode ser encarada como uma ferramenta que poderá ser utilizada ou desprezada: “Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma.”<sup>55</sup>

Portanto, não basta acusar uma teoria de ser a representação de uma ideologia de classe, toda teoria tem o seu potencial que poderá ser utilizado pelo indivíduo quando chegar o momento, mas apenas se for necessário.

Passar a viver e a sentir de maneira singular é, sem dúvida, um dos grandes desafios do indivíduo. Principalmente por não ser um processo racional ou consciente.

---

<sup>55</sup> Foucault, 1979, p. 71.

Se por um lado sabemos que nosso sistema social cria maneiras serializadas de produzir subjetividade, por outro lado, o discurso “crítico” que em teoria combateria e denunciaria a coerção e a tentativa de controle da subjetividade, acaba por ser, também, controlador e coercitivo. Essa talvez seja a grande armadilha escondida nos ensinamentos da escola.

Queremos acreditar que a dificuldade de registro da subjetividade pode representar uma abertura para o devir. Se não conseguimos enxergar com clareza o horizonte a nossa frente, também é verdade que a possibilidade de rompermos com o que existe também pode estar lá, no insondável.

Portanto, não há porque perdermos o ânimo, se nossa vitória não está garantida, tampouco a nossa derrota está.

“O além do homem, ao contrário, vê nessa derrocada de sentido e valor, uma possibilidade, uma abertura, um estímulo”.<sup>56</sup>

O Professor Peter Pal Pelbart (PUC-SP), escrevendo para o seminário *Assim Falou Nietzsche*, na sua quinta edição, utiliza as palavras de Nietzsche para demonstrar como a descrença pode ser revertida em abertura para o devir:

“Nós negamos e temos de negar, pois algo em nós está querendo viver e se afirmar, algo que talvez ainda não conheçamos, ainda não vejamos”.<sup>57</sup>

Ora, se por um lado não acreditamos mais na capacidade dos textos canônicos transformarem-se em libertadores da humanidade, também é verdade que, a partir dessa descrença, poderão surgir novas formas de pensar e sentir e assim, novas maneiras de viver.

Para Nietzsche o valor do niilismo estaria justamente em poder abrir o caminho para um renascimento. No descontentamento a respeito de algo, há a possibilidade da inovação. É por meio do desconforto que o indivíduo passa a desejar a mudança.

O que não podemos é nos acomodar, é verdade que para alguns indivíduos o mal-estar atual assusta e incomoda menos do que aquilo que não conseguimos ver com clareza a nossa frente, a incerteza acaba por manter o indivíduo preso àquilo que ele chama de “identidade”.

---

<sup>56</sup> Pelbart, 2006, p. 224.

<sup>57</sup> Idem, p. 219.

No entanto, está em curso, graças à ampliação sem precedentes dos meios de comunicação, o que alguns chamam de globalização da informação e que tem como princípio a fluidez dos desejos, provocando a aparente destruição de toda identidade fixa, como afirma Rolnik: “Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade”.<sup>58</sup>

A reapropriação da subjetividade certamente passa pela descrença nos valores atuais, mas ela também necessita da promessa de um futuro.

Uma promessa e não um objetivo pré-fixado. A ampliação dos meios de comunicação e a fluidez que o sistema capitalista atual exige, não garantem ao indivíduo a certeza de que ele não irá assumir uma nova identidade.

O que podemos observar é justamente a “fixação” dos indivíduos em adaptarem-se da melhor maneira ao infundável fluxo de “referências” aceitas e desejadas pelo sistema capitalista.

Este não é o cenário que pensamos ao criticar a fixação do indivíduo a uma identidade. Se pensamos na mudança como algo positivo, não seria como uma imposição a mais que recolocaria um indivíduo deslocado em sua identidade ultrapassada para uma nova identidade mais atualizada.

Tratamos da questão do crescimento e da mudança provocada por uma força criadora que seria capaz de destruir a identidade abrindo-se para um vir a ser completamente diferente dessa fluidez identitária desses tempos globalizados:

“É verdade que estas mudanças implicam a conquista de uma flexibilidade para adaptar-se ao mercado em sua lógica de pulverização e globalização; uma abertura para o tão propalado novo: novos produtos, novas tecnologias, novos paradigmas, novos hábitos, etc.”<sup>59</sup>

De certa maneira, o que o capitalismo incita é a mudança constante para que o consumo não cesse. A todo instante são produzidas novas mercadorias que precisam ser objeto de desejo.

---

<sup>58</sup> Rolnik, 1997, p. 1.

<sup>59</sup> Idem, p. 2.

Como demonstra Rolnik, de maneira alguma essas mudanças serão para uma nova configuração do indivíduo, este permanecerá preso às exigências de um mercado cada vez mais produtor de mercadorias voláteis.

Um emblema bem atual da volatilidade das mercadorias seria os uniformes dos times de futebol. As camisas dos times de futebol se renovam anualmente, deixando os torcedores com a sensação de que estão com a camisa ultrapassada.

As mudanças nos uniformes são as mínimas possíveis. Novas mudanças ocorrerão no próximo campeonato e assim os torcedores poderão comprar a nova camisa, pois, a anterior estará ultrapassada.

Apesar da realidade mercadológica do período em que viveu Nietzsche ser diferente da nossa, Nietzsche sabia que a maioria dos indivíduos de seu tempo também preferia realizar os pequenos desejos, assim como hoje podemos fazer pequenas compras em busca de pequenos prazeres.

Zaratustra na praça pública apresenta a figura do último homem: “Ai de nós! Aproxima-se o tempo em que o homem não mais arremessará a flecha do seu anseio para além do homem e em que a corda do seu arco terá desaprendido a vibrar! (...) Todos querem o mesmo, todos iguais; e quem sente de outro modo vai, voluntário, para o manicômio”<sup>60</sup>

Na descrição acima Zaratustra pressente a proximidade dos homens que não sentirão mais desprezo por si mesmos e que não desejarão mais as mudanças em si e na sociedade.

Um eterno desassossego por conta da mercadoria a ser adquirida. Ser moderno em nosso tempo é poder possuir a última versão da mercadoria mais cobiçada: relógios, computadores, celulares e outros produtos ficam ultrapassados com uma velocidade nunca antes experimentada pela humanidade.

O “último homem” (Nietzsche) dos nossos dias é aquele que está o tempo todo preocupado em permanecer atualizado em relação aos seus bens. E aplica grande parte do seu tempo em shoppings para poder adquirir a última versão do seu hardware/software.

---

<sup>60</sup> Nietzsche, 1998b, p. 40 e 41.



O homem tem procurado chegar a um momento de evolução e progresso social capaz de fazer os indivíduos conviverem pacificamente com os seus semelhantes e consigo mesmo. A paz e a calma prometida parecem compensar todos os sacrifícios impostos ao homem para que ele deixasse de ser o ser egoísta que aparentemente ele é.

A crítica nietzschiana põe luz sobre as mazelas causadas por essa pacificação do indivíduo e da sociedade. A paralisação da vontade e da criação. O Último Homem nietzschiano (a conclusão do progresso humano, na perspectiva dos progressistas e evolucionistas) é aquele que não tem mais ambições e que não tem mais como ficar insatisfeito, pois tudo está realizado, tanto no indivíduo como na sociedade.

Ele ainda poderá ter pequenas paixões e pequenos desejos, como o sonho da próxima mercadoria a ser adquirida.

Não olhará mais para frente com seus olhos flamejantes, não lançará mais as velas da sua Nau ao grande infinito de possibilidades a sua frente.

Mas Nietzsche sabe que toda essa falta de vontade pode ser o prenúncio da morte de um organismo decadente e o nascimento de uma nova vontade afirmadora: "...para além da morte e da mudança, com todo o sofrimento daí advindo, um triunfante sim à vida ligado ao eterno prazer da criação, ao eterno 'martírio da parturiente'".<sup>61</sup>

### **3.2 Tornar-se o que se é**

Não temos a menor capacidade de determinar o que seremos hoje ou depois de amanhã. Essa é uma das grandes dificuldades ligadas à formação de indivíduos.

Como poderemos pensar num determinado tipo de indivíduo se todo o processo de sua formação transcorre, aparentemente, fora do alcance de planos e projetos?

---

<sup>61</sup> Pelbart, 2006, p. 223.

No entanto a formação ocorrerá, todo indivíduo acabará tornado-se naquilo que ele será, independentemente da vontade de pais, padres, professores e pedagogos.

Essa formação, a despeito dos planos pedagógicos e das instituições educacionais, estará em movimento ainda que não seja perceptível aos olhos da razão.

Apesar do aparente paradoxo, a afirmação do devir, da impossibilidade de uma fórmula capaz de realizar com precisão a tarefa de formação do indivíduo, é justamente o que há de mais rico e nobre na formação humana.

Ou seja, não é por não acreditarmos na possibilidade de um método, de uma maneira específica que negamos a formação do indivíduo, a questão é que ela será sempre contínua e inconsciente.

Para nós, concordando com Nietzsche, a formação do indivíduo começa a agir inconscientemente, ou seja, subterraneamente. A criança já em seus primeiros dias de vida começa a receber os estímulos que a auxiliarão na sua formação.

Mesmo todas as suas necessidades fisiológicas servem às necessidades da sua formação.

Não demorará muito até que a criança receba seus primeiros estímulos externos. Sabemos que sem os cuidados de seus pais ela não seria capaz de manter-se viva.

“Todo ser vivente quer manter-se vivo” (Nietzsche), essa necessidade suprema nos governa.

Não é porque vivemos em uma sociedade civilizada que este imperativo deixou de atuar no “submundo” do nosso ser.

A criança que necessitou do auxílio dos seus pais para poder manter-se viva em seus primeiros dias de vida logo será submetida a uma série de ordens que seus pais lhe imporão com o objetivo de “orientá-lo” para a vida.

Todo pai e mãe acreditam ter conhecimento dos valores que a criança precisa aprender para ter um bom caráter e com isso ser uma boa criança.

Para os pais essas ordens parecem necessárias, como foi dito, sem elas a criança não sobreviveria.

Essas ordens fazem parte daquilo que acompanhará o indivíduo em toda sua caminhada, elas permanecerão “trabalhando” no inconsciente.

Tornar-se quem somos, nessa perspectiva, acontece a cada instante. Toda informação e toda caminhada fazem parte do processo formativo.

Carregamos em nós todos os valores morais dos nossos ancestrais, das nossas religiões e dos nossos mestres. Somos influenciados pelos valores morais da sociedade onde nascemos e vivemos.

Olhando-se dessa forma, podemos começar a entender o pensamento nietzschiano relativo à formação do indivíduo: “Que a gente se torne o que a gente é pressupõe que a gente não saiba, nem de longe, o que a gente é”.<sup>62</sup>

Segundo essa perspectiva, as forças “formadoras” atuam nos “bastidores”, realizando um trabalho que milhares de tentativas racionais ainda não conseguiram realizar. Não temos a menor consciência de quem somos.

Não queremos dizer que centenas ou milhares de anos de tentativas de controle da formação do homem não façam parte das influências formadoras, mas, nunca de maneira objetiva como desejariam os pensadores da formação humana.

Na atualidade temos a necessidade de racionalizar tudo aquilo que nos afeta, gostaríamos de ter sob a supervisão e controle da nossa razão todos os nossos processos formadores do nosso cotidiano.

Aprendemos a planejar nossos momentos tentando evitar surpresas desagradáveis.

Temos medo daquilo que não podemos entender ou que não podemos por em ordem.

Como diria um cientista: “tudo aquilo que não pudermos reproduzir em laboratório”.

---

<sup>62</sup> Idem, 1974c, p. 63.

Apesar da aparente negatividade do acaso que é a nossa formação, entendemos que essa impossibilidade de controle pode ser exatamente o que há de mais positivo e produtivo na espécie humana.

Caso já tivéssemos alcançado o controle da criação humana, certamente teríamos apenas um único tipo de indivíduo ou um pequeno número.

Esse objetivo sempre fez parte do sonho dos fascistas de todos os tempos, ou seja, ter o controle da criação humana.

Cada ensinamento, cada leitura e cada experiência têm seu valor formativo.

Podemos acreditar que estamos perdendo tempo ao nos envolvermos em atividades pouco valorizadas por uma sociedade baseada na busca pela racionalidade.

Nos anos iniciais, que são os mais ricos em aprendizado, todas as brincadeiras, todos os aborrecimentos e “puxões de orelhas” farão parte daquilo que nos tornará naquilo que seremos.

Podemos imaginar crianças que brincam em um parque, balançando-se em suas gangorras, divertindo-se com seus amigos, sem a preocupação de ter que planejar o restante de sua vida.

Aprendemos a desprezar a leveza da brincadeira, nos ensinam que o mais importante é ter sob perspectiva o futuro assustador à sua frente e tratá-lo com seriedade.

Não temos dúvida da importância das pequenas experiências que vivemos. Nossas relações pessoais a partir da nossa infância também serão importantes para o processo formador do indivíduo.

Não admira que a criança relute para ir à escola, as lembranças dos momentos agradáveis e descontraídos que suas brincadeiras lhes proporcionaram ainda estão muito presentes. A escola não pode competir com a leveza da brincadeira no parque.

Ao analisarmos os motivos que teríamos para colocar nossos filhos na escola, certamente estará relacionado o desejo dos pais em prover uma boa formação profissional para os seus filhos.

Essa rigidez acaba por tornar a educação algo insuportável. Criamos um roteiro que, aparentemente, seria o adequado para a realização da formação profissional. Ou seja, os pais procuram dar aos seus filhos as condições para que ele se torne um profissional bem sucedido.

Desde cedo submetemos as nossas crianças a uma rotina de estudos exaustivos que acreditamos poderão levá-las ao sucesso profissional e financeiro.

Para cumprir a sua missão de formar bons profissionais, a educação escolar pensada pelos pedagogos mais conservadores, acaba procurando barrar qualquer possibilidade de formas criativas de formação.

Assim como a ciência e a racionalidade necessitam de compromisso e dedicação, a educação escolar, fundamentada nos valores racionais, não poderia permitir as variações na maneira de formar.

A crença nas planilhas e estatísticas acaba por ter mais valor do que a possibilidade de uma educação “menos racional”, numa palavra: numa educação mais artística.

Como pensar numa forma de educar que permitiria a leveza de uma criança balançando em um parque da cidade?

Felix Guattari também se questiona a respeito e, na verdade, essa questão não é nova, o que demonstra a dificuldade da resolução da questão:

“Para que se efetivem os processos de reapropriação da subjetividade – tais como os de um grupo de psiquiatrizados; de um grupo de pessoas que querem organizar sua vida de outro modo; de uma minoria social que quer se desfazer dos sistemas de coação que tendem a modelizá-las; de um grupo de mulheres que, mesmo em pequena escala, querem se libertar do sistema opressivo de que são objeto há milênios; de um grupo de criadores que querem se livrar dos sistemas padronizadores em seu campo, ou até de crianças que se recusam a aceitar o sistema de educação e de vida que lhes é proposto”.<sup>63</sup>

Pensar na possibilidade de novas formas de formar o indivíduo sempre fez parte da imaginação humana e do seu desejo de ter um determinado tipo de ser humano formado.

É claro que todos esses pensadores acreditavam ter a fórmula para tal formação.

---

<sup>63</sup> Guattari, 1986, p. 49.

Não é de admirar que o projeto de formação culminasse com um indivíduo espelhado naquele que pensou a formação. O pensador se reconhece como a medida segura daquilo que deveria ser o ser humano ideal.

Não concordamos com a intenção de formar indivíduos a partir de um modelo idealizado. A formação do indivíduo ocorre a partir das mínimas experiências cotidianas.

Não podemos levar em conta as políticas públicas voltadas para a busca da igualdade como parâmetro. Essas políticas têm como função o ajuste das relações humanas para tentar diminuir as insatisfações pessoais. Elas não poderiam ser a base do questionamento do sistema capitalista, já que são fruto desse mesmo sistema.

Acreditamos no potencial dos instintos como força criadora e entendemos que a razão seja um desses instintos. Ela seria o instinto de preservação de um organismo em decadência lutando para preservar-se.

A razão seria a estratégia de um corpo que se reconheceria incapaz de impor a sua vontade pela força, como descreve Nietzsche.

A dependência da educação escolar em relação à formação profissional acaba por limitar o que poderia existir de criativo no processo educacional.

Não é o caso de afirmar que todos aqueles que são educados em nossas escolas estão condenados à aridez da formação meramente voltada para a profissão.

O indivíduo poderá ter encontros tanto na escola como fora dela que acabem criando a possibilidade de uma formação artística. Na vida, assim como na educação, nenhum processo está completamente definido.

O que aparenta ser a grande dificuldade para a formação educacional, ou seja, sua incapacidade de ser completamente controlada é, também, o que permite que acreditemos na possibilidade do surgimento de processos criativos mesmo na sociedade capitalista e na escola burguesa.

O novo, o diferente e o criativo são processos singulares, ou seja, são circunscritos à maneira como o indivíduo interpreta a vida e passa a desejá-la e a

vivê-la. É a maneira “adequada” para aquele indivíduo e, talvez, não precise e não deva ser referência para os outros indivíduos.

Cada um de nós aprenderá a encontrar seus modos sentir e desejar a vida.

Nosso sistema social especializou-se em produzir desejos.

O sistema capitalista se apropria da nossa capacidade de desejar e se apodera da nossa imaginação, passando a determinar as nossas “necessidades”. A partir daí passamos a desejar o que foi produzido pelo mercado para nosso consumo.

Ficamos com a impressão de que sem a aquisição dos bens materiais anunciados não poderemos ser felizes.

Acreditamos que cada indivíduo reage de forma diferente a cada experiência e que é capaz de viver e sentir singularmente. Essa maneira própria de cada um, que poderia ser o resultado da interação de todas as experiências anteriormente vividas, faz parte do que Nietzsche chamou de nosso “mundo interior”.

“Quando vivemos nossa própria existência, nós a vivemos com as palavras de uma língua que pertence a cem milhões de pessoas; nós a vivemos com um sistema de trocas econômicas que pertence a todo um campo social; nós a vivemos com representação de modos de produção totalmente serializados. No entanto, nós vamos viver e morrer numa relação totalmente singular com esse cruzamento”.<sup>64</sup>

O que acreditamos é que todas as pequenas ações individuais aparentemente sem valor fazem parte de todo o processo que nos tornará naquilo que seremos.

Todo instinto, todo sentir e maneira de desejar do indivíduo começa a ser construído a partir das suas primeiras experiências.

É assim que a educação se torna decisiva na participação do processo formativo do indivíduo: ela é uma das fontes de experiências onde o indivíduo será atravessado por inúmeras maneiras de pensar e agir de toda a sociedade.

O indivíduo será o resultado da interação desse mundo exterior com a maneira própria, de cada um, por isso, cada um só pode ser o resultado de um processo singular.

---

<sup>64</sup> Idem, p. 49.

### 3.3 Do saber que renova

“Com bastante freqüência, e sempre com grande estranheza, foi-me externada a impressão de que haveria algo em comum e bem marcante em todos os meus escritos (...) conteriam todos eles, disseram-me, laços e redes para pássaros incautos, e quase que um constante e desapercibido incitamento à inversão de estimativas de valor e de hábitos estimados”.<sup>65</sup>

Que professor ou educador pode imaginar-se como um passarinho e que seu trabalho tem por função lançar armadilhas para que pássaros desavisados possam pousar para descansar de sua jornada e a partir dali recomeçar uma nova caminhada?

Como pode ser difícil a um educador seduzir um aluno. Na maioria das vezes as pessoas encontram-se satisfeitas ou resignadas com as suas condições de vida.

Quando estão insatisfeitas quase sempre preferem a manutenção do estado atual das coisas do que se lançar no desconhecido, onde o novo pode assustar mais.

O medo pode nos paralisar e fazer-nos deixar de desejar o novo. Aprendemos desde cedo a pensar no futuro e tentar controlá-lo.

Ter a respeito do futuro um planejamento e cuidado é o grande ensinamento deixado pelos pais.

Ser prudente, observar e avaliar todas as possibilidades e caminhar cuidadosamente, cada passo dado deverá ser previamente calculado.

Na impossibilidade de poder ter um mínimo de previsão a respeito do que virá será melhor permanecer no mesmo lugar.

Não agir perigosamente será sob essa perspectiva um sinal de bom-senso. Ser precavido, cauteloso é sinal de maturidade.

A educação escolar tem, entre outras funções, a de conscientizar o indivíduo sobre a precariedade da sua condição o que poderá gerar insatisfação e criar processos criativos.

---

<sup>65</sup> Nietzsche, 1974f, p. 63.



Como poderá o educador contribuir para que o educando perceba seu estado de precariedade e que existem outras condições de se viver?

A experiência escolar tem potência suficiente para criar o desconforto necessário para que o aluno seja capaz de repensar sua maneira de experimentar a vida.

A tarefa do educador não é das mais fáceis, de certa maneira, seria possibilitar novas perspectivas para os olhos já acostumados com o comum.

Ao educador caberia levar seu educando a desconfiar que alguma coisa está errada, nesse sentido, a experiência escolar deverá promover um certo desconforto, um certo descontentamento do indivíduo em relação a sua condição social e consigo mesmo.

Lembrando que numa perspectiva nietzschiana não caberia dizer que o aluno iria “melhorar” ou “progredir”, mas que poderia passar por processos de mudança e transformação.

Durante e depois da sua experiência na escola o indivíduo poderá suspeitar que seus valores e suas “verdades” podem ser apenas ilusões e que ele esteve tempo demais enganado.

Será um momento crucial, talvez o momento mais perigoso da jornada do indivíduo. Observar com olhar desconfiado para tudo aquilo em que ele acreditou poderá significar que, até então, toda a sua vida não fez sentido.

Tontura e náuseas poderão se apoderar do educando. Como ele pôde viver tão enganado durante tanto tempo? Todos os valores que seus pais, amigos, religiosos e até mesmo seus professores anteriores lhe haviam ensinado não passariam de ilusão.

A partir desse ponto, o aluno poderá tomar vários caminhos, inclusive a “iniciativa” de permanecer no mesmo lugar, caso se trate de um organismo cansado e decadente, pois para ele já seria tarde demais.

A paralisia diante do novo não é incomum, na verdade ela é bastante compreensível. Essa postura demonstra aquilo que Nietzsche chamaria de “uma alma cansada” enfraquecida demais para recomeçar uma nova batalha.

A vida é um combate, quer desejemos ou não, e todo combate pode trazer consigo o medo, o cansaço e a fadiga.

Na verdade, esse desânimo representa a atitude de uma pessoa que está perdendo suas forças vitais, para esse indivíduo procurar um leito e permanecer descansando representa, justamente, a chegada da fraqueza e com ela o desejo de permanecer imóvel e de não combater mais.

Mas, também poderá ocorrer o caso em que o aluno motivado pela compreensão do seu estado de miséria, passará a trilhar um novo caminho. Não por saber o caminho que deverá tomar, mas por desejar continuar a viver novas experiências.

De ânimo renovado, ele se encherá de forças e começará sua nova caminhada, trilhando novas paisagens. Ele poderá se extasiar com as novas imagens a sua frente.

É possível que esse aluno renovado encare a imensidão de possibilidades à sua frente como um novo desafio.

Não podemos cair na armadilha de nos deixarmos enganar e acreditar que agora encontramos o rumo certo, que agora trilhamos nosso último caminho.

A escola e o professor não têm a função de propor um caminho definitivo ao aluno. Mas, apenas propor-lhe novas perspectivas. Novas possibilidades de abrir caminho.

Não se trata de levar o aluno a tomar “consciência” e a partir de ações racionais reescrever sua vida numa atitude autônoma.

Observando-se mais de perto e mais demoradamente e se retornarmos ao momento em que o aluno entrou em sala de aula, onde ele ainda estava preso às suas antigas crenças e ouvirmos com ele, todos os novos “ensinamentos” que ele ouviu.

Se pudermos conjuntamente sentir toda a intensidade da surpresa inicial quando o aluno percebe-se enganado. E se nos mantivermos com ele, quando, finalmente ele rompe com seu passado e fica tonto, olha para trás e vê quanto tempo perdeu ao ter ouvido seus antepassados e ter levado à frente seus ensinamentos.

Mas e se nós observadores que o acompanhamos nessa tomada de consciência e que permanecemos um pouco mais afastados da trama, não pudermos ver um pouco mais, ou um pouco diferente do que o aluno viu? Nossa perspectiva será diferente da do aluno. Não se trata de uma perspectiva melhor, mas certamente fazer parte do processo compromete a capacidade de interpretação.

Em última análise, todo olhar é comprometido pela perspectiva pessoal e isso é o que nos dá uma infinidade de possibilidades de interpretação para um mesmo fato.

Olhar a partir de uma determinada distância pode ser importante. Mas o olhar do indivíduo também sofrerá a interferência de todos os seus anos de vida anterior.

Um questionamento importante para que não caiamos na mesma armadilha que achamos que estamos saindo será perguntar: não estaria tal aluno apenas alterando sua crença por outra? Não estaria o aluno apenas alterando as ordens de seus antepassados pelos seus orientadores do presente? Quem garantirá que agora ele está livre e que sua atual decisão o levará a melhores lugares?

Entendemos que a importância das experiências está na abertura para uma infinidade de possibilidades e não no entendimento de que poderemos chegar a uma verdade reveladora. “Ainda não vos háveis procurado a vós mesmos; e somente depois que todos me tiverdes renegado, eu voltarei a vós”.<sup>66</sup>

Nietzsche duvida que o sentimento de liberdade que se apodera do indivíduo nos seus questionamentos iniciais seja realmente fruto de uma libertação.

A liberdade não é um objeto que possa ser conquistado em definitivo. É preciso que o indivíduo lute constantemente para se libertar.

Por isso Nietzsche valoriza o combate e a luta, o indivíduo só é livre na medida em que precisa lutar pela sua liberdade.

Um dos perigos de procurarmos a pacificação da sociedade reside na criação de indivíduos sonolentos e preguiçosos que não saberiam mais como ser criativos.

A revolta do iniciado ainda é o fruto do descontentamento por ele não ter encontrado o descanso ou a paz que desejava. Ele está se sentindo enganado.

---

<sup>66</sup> Idem, 1998, p. 105.

Sentir-se injustiçado, entender que grande parte de sua vida foi voltada para a realização dos desejos de outros pode ser um momento fundamental para a renovação de forças de um indivíduo. Ele poderá a partir desse momento procurar os caminhos que o levem ao encontro de si mesmo, ao encontro da realização da sua vontade, mas, esse primeiro momento ainda é o momento do ressentimento e não pode gerar movimentos criativos.

O aluno ainda não aprendeu a procurar por si mesmo, ele ainda não percebeu que não é a sua vontade que fala, que comanda, mas a vontade do professor, a vontade do sistema social muito bem representado pela instituição educacional.

Ao dizer ao aluno: seja autônomo, a escola ainda mantém o aluno sob seu controle, o que desejamos demonstrar aqui é que a questão da emancipação ou da autonomia não passa necessariamente pela vontade da escola ou do aluno.

A liberdade não é algo que se possui, ela é algo que se conquista!

É preciso saber observar, é preciso sentir com os instintos até onde vai sua vontade e até onde vai à vontade do outro.

Para um aluno, o professor pode ser um líder, um referencial a ser seguido. Muitos alunos idolatram seus mestres, acreditando naquilo que lhe é ensinado, mas o valor dessa crença precisa ser questionado. Os ensinamentos do professor servem de provocação e não como fonte de “verdade”, diz Nietzsche: “Dizeis que acreditais em Zaratustra? Mas que importa Zaratustra! Sois os meus crentes; mas que importam todos os crentes!”.<sup>67</sup>

Os ensinamentos dos professores podem abrir caminho para novas maneiras de o aluno sentir e desejar, mas, o mestre que Zaratustra espera também está construindo o seu caminho. Na verdade, essa busca será incessante.

Faz parte do aprendizado do aluno entender que a vida é uma multiplicidade de forças atuando e que elas estão em constante movimento e mudança. Não há como permanecermos presos a identidades reducionistas.

Crer em algo não garante a veracidade daquilo em que se acredita, a intensidade da crença não acrescenta valor real algum.

---

<sup>67</sup> Idem, 1998b, p. 105.

Mas a questão central não é saber se há verdade ou não por trás do sentimento que temos a respeito de algo. Nosso problema seria estabelecer se a crença aumenta ou enfraquece as energias vitais do indivíduo.

Se essa crença aguça os instintos do indivíduo, fazendo aumentar a sua capacidade inventiva, a sua capacidade de invenção.

Nossa perspectiva aponta para a necessidade do espírito criativo. Aprender para criar. Criar novas formas de sentir, novas formas de se relacionar consigo mesmo e com a sociedade.

E Zaratustra é diferente, ao contrário da maioria dos mestres, alerta os seus alunos dos perigos de seus ensinamentos e da vontade por trás deles.

Zaratustra pede a seus alunos que suspeitem dele e dos seus ensinamentos e que é preciso primeiramente encontrar a si mesmo antes de poder relacionar-se com os outros.

“Ainda não vos havíeis procurado a vós mesmos: então me achastes. Assim fazem todos os crentes; por isso valem tão pouco todas as crenças.”<sup>68</sup>

Não se trata de fechar-se e de recusar-se deixar o caminho aberto para as novas perspectivas. Ao contrário, é preciso manter-se aberto ao novo, é preciso estar atento para as mudanças em si e na sociedade.

Na verdade são os instintos do indivíduo que começam a trabalhar silenciosamente em seu interior, dando-lhe as condições para que possa aprender a caminhar por si mesmo. O aluno começa a sentir em si a necessidade falando por si mesma.

Ele começa a perceber o que realmente tem valor para o ser crescimento e o que será apenas perda de tempo, um atraso na sua caminhada em direção a si mesmo.

Não queremos abolir o engano, como afirma Nietzsche, *a vida quer engano*, mas é preciso que, mesmo sob crenças enganosas, o indivíduo possa crescer, esse é o centro do nosso estudo: crescimento e criatividade.

---

<sup>68</sup> Idem, p. 105.

Sendo assim, tomar consciência da ignorância não seria o mais importante, o problema está em estabelecer quais forças serão postas em ação a partir dessa conscientização.

Se forem as forças reativas provavelmente o indivíduo culpará a vida pela sua infelicidade e incapacidade de procurar alternativas que o levem a superar sua condição.

Ou se será a força-invenção, afirmada por Rolnik, que poderá elevar o indivíduo à condição em que possa desejar viver de uma forma diferente da imposta pelo sistema capitalista.

Que essa força criadora possa reinventar novas formas de viver, ou seja:

“Há que cultivar o exercício de uma etologia de construção de territórios, diferente da construção perversa desse mundo de clones de subjetividade sob império do capital. No lugar de uma subjetividade-capitalística, seja ela de luxo ou de lixo, uma subjetividade-estética começa a roubar a cena”.<sup>69</sup>

---

<sup>69</sup> Rolnik, 2002, p. 9.

#### 4 PARA NÃO CONCLUIR

Vivemos em um período de grandes alterações nas maneiras como nos relacionamos com nossos familiares, amigos, cônjuges e como criamos o nosso autorretrato.

Nossa sociedade ampliou muito as possibilidades de comunicação, uma pessoa com seu computador, conectada a internet, será capaz de interagir com uma infinidade de pessoas em todo o globo.

Para além das comunicações pessoais, assistimos em tempo real a guerras, atentados, assassinatos, conferências e toda uma gama de imagens que no passado levariam muito tempo para alcançar as pessoas “comuns”.

Assistimos periodicamente programas televisivos que exibem as intimidades de “atores” que disputam somas vultosas e que, para tanto, necessitam apenas expor seus dramas pessoais.

O comportamento humano será sempre influenciado pelas suas relações pessoais, ou seja, cada ação humana está sempre pautada pelo cálculo das conseqüências que suas atitudes poderão causar-lhe.

Quanto mais intensas forem as relações pessoais de um indivíduo, maior será o cuidado que ele terá ao lidar com seus vizinhos.

No estágio social em que vivemos o mundo é a vizinhança.

Essa abertura para o mundo que as tecnologias informacionais proporcionaram trouxe consigo a inquietação da subjetividade do indivíduo. Nesse mundo globalizado, o perfil adequado do novo cidadão do mundo será o do indivíduo que não se fixa a identidade alguma.

Ele precisa estar apto a adaptar-se rapidamente a qualquer mudança na maneira de pensar e interpretar a vida.

A volatilidade do mercado financeiro, que investe seus fundos em qualquer parte do mundo, parece afetar com a mesma velocidade a maneira de sentir do indivíduo.

Novas mercadorias são lançadas diariamente para que possam ser consumidas pelos cidadãos do mundo.

Cria-se uma grande tensão sobre os cidadãos, pois, é preciso estar pronto para poder adquirir as mercadorias e saber utilizá-las: “aquilo que é suscitado quando se produz na subjetividade um paradoxo: de um lado, as sensações que percorrem o corpo por sua imersão no tecido intensivo da vida, trama sutil de uma infinidade variável de fluxos em interação”.<sup>70</sup>

A quantidade de conhecimento necessário para que um bom cidadão possa utilizar a grande quantidade de bens materiais é enorme. E não se trata apenas de uma questão de quantidade, mas, também, de um conhecimento tecnológico que assusta aqueles que não conseguem acompanhar seus avanços.

Manuais e softwares de “auto-ajuda” auxiliam na aquisição das habilidades de manuseio das tecnologias.

Talvez por isso aumentou consideravelmente a necessidade de saber ler e entender o que se lê, pois qualquer indivíduo precisa estar pronto para utilizar os novos aparelhos lançados constantemente.

A educação escolar serve como uma das formas de preparar o indivíduo para realizar suas funções sociais. Se a sociedade exige um determinado tipo de profissional, então, caberá a escola formá-lo. E se a sociedade também exige, como na atualidade, a formação de cidadãos, a escola também precisará formá-los.

É fato que de uma determinada turma de alunos haverá sempre aqueles que não conseguirão atingir o índice mínimo e necessário para poder formar-se.

Dessa forma, querendo ou não, a escola acaba por selecionar os indivíduos capazes de realizar uma determinada tarefa e aqueles que não serão capazes. “Lições e seleções têm mais a ver entre si do que qualquer historiador da cultura quis ou pôde levar em conta”.<sup>71</sup>

Nossa sociedade vangloria-se de ser até hoje a que mais deu liberdade ao indivíduo para a mudança. Realmente, levando-se em conta os progressos tecnológicos e as exigências mercadológicas, o indivíduo nunca precisou, anteriormente, manter-se em um estado tão constante de atualização.

Essas modificações sociais não significaram, no entanto, a exigência de que o indivíduo questione a si mesmo e ao próprio sistema. Ele terá espaço para a

---

<sup>70</sup> Rolnik, 2002, p. 1.

<sup>71</sup> Sloterdijk, 2000, p. 43.



mudança de sua formação profissional e tecnológica, ele precisará atualizar-se para aprender a operar, por exemplo, o mais novo sistema operacional de seu novo computador.

“É verdade que estas mudanças implicam a conquista de uma flexibilidade para adaptar-se ao mercado em sua lógica de pulverização e globalização; uma abertura para o tão propalado novo: novos produtos, novas tecnologias, novos paradigmas, novos hábitos, etc. Mas isto nada tem a ver com flexibilidade para navegar ao vento dos acontecimentos - transformações das cartografias de forças que esvaziam de sentido as figuras vigentes, lançam as subjetividades no estranho e as forçam a reconfigurar-se”.<sup>72</sup>

Assim, a educação escolar, na maioria das vezes, serve como fonte de formação dos indivíduos adequados ao sistema atual de produção de mercadorias e subjetividades voláteis.

A cada turma que formamos estamos determinando quem está dentro e quem está fora dos padrões desejáveis para a sociedade.

Com todo esse potencial formador, a escola não poderia deixar de ser um dos alvos do sistema capitalista. Ela é um dos produtos mais eficiente do sistema.

Os professores estão sempre sendo incitados a se manterem atualizados sob pena de não receberem mais as verbas oriundas das agências de fomento de pesquisa, no caso dos professores universitários, que precisam estar constantemente apresentando-se em seminários, simpósios e palestras e que necessitam produzir, demonstrando seus conhecimentos sobre os mais diversos temas.

O incentivo à pesquisa obviamente possui seu lado positivo, aumentando a produtividade, mas esse benefício perde seu valor quando passa a ser apenas uma exigência formal, pouco contribuindo para o desenvolvimento de novas maneiras de interpretar a vida.

Por outro lado, os alunos imersos nessa vertiginosa corrente produtiva, precisam estar preparados para ler um texto e imediatamente produzir um resumo ou uma resenha para comprovar sua capacidade de síntese e crítica.

Atualmente o aluno ao ser formado perceberá, logo cedo, que todo o seu aprendizado já está ultrapassado e que precisará estar em constante atualização, já

---

<sup>72</sup> Rolnik, 1997, p. 2.

que as mudanças sociais acompanham a velocidade das redes informacionais. Produzimos mais informações do que somos capazes de processar. “Reconhecer que a domesticação do ser humano é o grande impensado, do qual o humanismo desde a Antiguidade até o presente desviou os olhos, é o bastante para aprofundarmos em águas profundas”.<sup>73</sup>

Nosso problema, ou poderíamos chamar de nossa primeira decepção, foi compreender que a educação escolar serve ao sistema capitalista e que, na verdade, ela é uma das suas mais valiosas ferramentas.

Não negamos o valor do potencial de criação da educação escolar que, aliás, foi a fonte de onde tiramos o motivo desse texto.

O problema começa quando matriculamos nossos filhos em uma escola pensando apenas no que ela poderá oferecer de positivo para eles: bons empregos e uma boa formação cidadã.

Damos crédito demais ao poder criativo da educação e ao seu poder motivador de mudanças, quando, na verdade, existe todo um potencial domesticador escondido na educação escolar. Lei e Ordem fazem parte do discurso educacional. Ser um bom cidadão poderá significar ser um bom cumpridor das Leis.

No entanto, sabemos que, da mesma forma que não podemos ser totalmente crédulos a respeito da capacidade da educação em promover a justiça social, também não podemos ficar totalmente céticos a respeito do seu potencial criador.

A grande variedade de indivíduos é a maior riqueza que possuímos, a tentativa de acabar com as diferenças seria um erro baseado na ilusão da busca pela perfeição. Como afirma Nietzsche, ao tentarmos “melhorar” o homem, só conseguimos transformá-lo em um ser doente e enfraquecido. Exigências demais e fardos pesados demais. “Como melhorar o mundo ? (você só tornará as coisas piores)”<sup>74</sup>

Tentamos demonstrar que estas exigências começam nos primeiros anos de vida em que os pais imaginam saber o que deverá aprender uma criança para que depois possa transformar-se no tipo de pessoa que eles acreditam ser ideal.

---

<sup>73</sup>Sloterdijk, 2000, p. 43.

<sup>74</sup>Cage, 1965, p. 73.

Assim, os pais procuram transferir para os seus filhos os conhecimentos que acham ser necessários para uma boa criação, numa tentativa de evitar problemas futuros para os seus filhos, mas, como descreve Nietzsche: “Ninguém dá ao ser humano suas características, nem Deus, nem a sociedade, nem seus pais e ancestrais, nem ele próprio (...) Ninguém é responsável pelo fato de existir, por ser assim ou assado, por se achar nessas circunstâncias, nesse ambiente”.<sup>75</sup>

Também a escola tem em mente o modelo perfeito de ser humano, mas, esse modelo nunca existiu. E todos os esforços para criá-lo lograram fracasso.

Todo o esforço de criação do ser humano perfeito voltou-se contra o criador.

O indivíduo adocece diante de tanta imposição, de tantos deveres.

Todo fazer é também um desfazer, não há criação sem a destruição do que existiu. E o existente procura resistir a sua aniquilação. É uma questão de sobrevivência, a luta para sobreviver pode traduzir-se como uma força vital, ou uma força reativa, de um organismo lutando para não sucumbir.

As duas forças coexistem no indivíduo, a força criadora em busca da renovação e de solos mais férteis para o seu crescimento e a força reativa, a energia liberada por todo indivíduo que está à beira da morte e que deseja manter-se vivo como um último suspiro de um moribundo.

Mas, não há como renovar as esperanças sem deixar para trás o que somos agora: “Arder nas tuas próprias chamas, deverás querer; como pretendieras renovar-te, se antes não te tornasses cinza!”.<sup>76</sup>

Pode ser verdade que o capitalismo apropriou-se das maneiras como produzimos as subjetividades hoje. Se isso ocorreu foi devido ao fato de estarmos abertos às maneiras como ele produz desejos, Sloterdijk descreve essa abertura como: “... a definição do ser humano em face de sua abertura biológica e de sua ambivalência moral”.<sup>77</sup>

O capital se apropriou da arte e da cultura, que pareciam ser os locais mais apropriados para a expansão da criatividade do indivíduo.

---

<sup>75</sup> Nietzsche, 1998a, p. 46.

<sup>76</sup> Idem, 1998b, p. 91.

<sup>77</sup> Sloterdijk, 2000, p. 19.

O homem é capaz de criar novas maneiras de viver que rompam com a subjetivação capitalista, mesmo que em grande parte o investimento na criação do novo atualmente esteja ligado a homogeneização dos indivíduos, visando o acúmulo de capital.

Para não finalizar concordamos com a professora Suely Rolnik quando afirma que deveríamos: “Criar alianças entre práticas que desertam ativamente a máquina de sobrecodificação e inventam outras cenas, colocando em rede sua sinergia e ativando sua potência de singularização”.<sup>78</sup>

A maneira como o capital consegue criar constantemente novas mercadorias e desejos deriva das lutas e resistências contra esse mesmo capital.

As pessoas não aceitavam mais o tipo de produção serializada onde pessoas e mercadorias eram “produzidas” em grande escala.

O desejo de sentir de forma diferente, de não ter horário fixo para entrar e sair das fábricas acabaram por transformar as relações sociais.

Temos uma organização social mais flexível, onde as relações de produção e consumo se alteraram, no entanto, o capital ainda consegue manter o desejo do indivíduo preso ao consumo material e ao trabalho cada vez mais exaustivo, mesmo que este não esteja mais nas linhas de produção em série.

Se o capital é capaz de alterar a maneira de se apropriar da criatividade humana para acumular mais riqueza, sabemos que a criatividade humana não tem limites.

Aliás, o capital é uma dessas criatividades. Para os descontentes de hoje, haverá sempre a possibilidade e a oportunidade de criarmos as condições de mudança, seja individualmente, ou socialmente. O que não podemos é acreditar que a História chegou ao fim e que não há mais nada a fazer. A verdade é que sempre restará muito a se fazer!

---

<sup>78</sup> Rolnik, 2002, p. 7.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. *O fim da história: de Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar , 1992.
- BAUMAM, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 1998.
- COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha. De fardos que podem acompanhar a atividade docente ou de como o mestre pode devir burro (ou camelo). *Educação e Sociedade*, Campinas, v.26, n.93, p.1257-1292, set./dez; 2005.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. 4v.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador* . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 2v.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes: 1987.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder: os intelectuais e o poder*. 18.ed. Rio de Janeiro: Graal: 1979.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GONDAR, Jô. Medida e desmedida: Hölderlin, Nietzsche e Freud. In: FEITOSA, C.; BARRENECHEA, M.A.; PINHEIRO, P. (Org.). *Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação: Assim Falou Nietzsche V*. Rio de Janeiro. DP&A. 2006. p. 109-125.
- GUATTARI, F. e ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
- LARROSA, Jorge. *Nietzsche & a educação*. Autêntica: Belo Horizonte, 2004.
- KURZ, Roberto. O efeito colateral da educação fantasma. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. 17 , 11 abr. 2004.
- MACHADO, Roberto Cabral de Melo. *Nietzsche e a verdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos: ou como filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998a.
- \_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998b.
- \_\_\_\_\_. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998c.
- \_\_\_\_\_. Para Além de Bem e Mal. In. \_\_\_\_\_. *Obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1974a. p. 275-302. (Os Pensadores, n. 32)

NIETZSCHE, Friedrich. A Gaia Ciência. In: \_\_\_\_\_. *Obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1974b. p. 195- 231. (Os Pensadores, n. 32).

\_\_\_\_\_. Ecce Homo. In: \_\_\_\_\_. *Obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1974c. p. 371-384. (Os Pensadores, n. 32).

\_\_\_\_\_. Aurora. In: \_\_\_\_\_. *Obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1974d. p. 161-194. (Os Pensadores, n. 32).

\_\_\_\_\_. O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música. In: \_\_\_\_\_. *Obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1974e. p.13-36. (Os Pensadores, n. 32)

\_\_\_\_\_. Humano, Demasiado Humano. In: \_\_\_\_\_. *Obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1974f. p. 91-159. (Os Pensadores, n. 32).

\_\_\_\_\_. Escritos sobre educação. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2003.

PELBART, Peter Pál. Travessias do Niilismo. In: FEITOSA, C.; BARRENECHEA, M.A.; PINHEIRO, P. (Org.). *Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação*. Assim Falou Nietzsche V. Rio de Janeiro. DP&A. 2006. p. 205-228.

RANCIÈRE, Jacques. *O Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. 2 ed. Belo Horizonte; Autêntica. 2007.

ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel (Org.). *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas, SP: Papirus, 1997; p.19-24.

\_\_\_\_\_. A Vida na Berlinda. In: COCCO, Giuseppe (Org.). *O trabalho da multidão: Império e Resistência vida na Berlinda*. Rio de Janeiro: Griphus, 2002; p.109-120.

SLOTEDIJK, Peter. *Desprezo das Massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

\_\_\_\_\_. *Regras para o parque humano*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.